

# CONVERGÊNCIA

SETEMBRO - 2001 - ANO XXXVI - N. 345

ISSN 0010-8162

- XIX Assembléia Geral Ordinária da CRB
  - A Eucaristia e Missão
- Biotecnologia: Enfim o admirável Mundo Novo?
  - Vida para todos no Novo Milênio:  
Releitura de uma intuição evangélica



# SUMARIO

Editorial .....	389
Palavra do Papa .....	392
Informe CRB .....	393
XIX Assembléia Geral Ordinária da CRB .....	406
Artigos .....	416
A Eucaristia e Missão .....	416
ALOÍSIO CARDEAL LORSCHIEDER	
Biotecnologia: Enfim o admirável Mundo Novo? .....	426
FREI ANTÔNIO MOSER	
Vida para todos no Novo Milênio: Releitura de uma intuição evangélica ...	442
IR. M <sup>ª</sup> HELENA MORRA, RSCM	

Capa: "A Samaritana", escultura em madeira de Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), entre 1781 e 1783, no púlpito da epístola na Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo, em Sabará (MG). Foto de Marcelo Pinheiro.

## ASSINATURA PARA 2001:

BRASIL: Terrestre ou aérea ..... R\$ 75,00 ou US\$ 08,50

BRASIL: Número avulso ..... R\$ 07,50 ou US\$ 08,50

EXTERIOR: Terrestre ou aérea ..... US\$ 85,00

EXTERIOR: Terrestre ou o correspondente em .... R\$ (Reais).

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*



## convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

### REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

### Conselho editorial:

Ir. Romi Auth, FSP

Pe. Francisco Tabora, SJ

Pe. Jaldemir Vitória, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

### DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar  
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (0\*\*21) 240-7299

e-mail: crb006@ibm.net

### DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0\*\*11) 6914-1922

e-mail: loyola@loyola.com.br

# "Há uma Esperança para o Teu Futuro" (Jr 31,17)

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FJ

Com essa frase o Profeta Jeremias trata de confirmar os desterrados do reino do Norte na esperança do regresso do exílio e da reunificação com Judá. É uma afirmação carregada de alento, que traduz para o povo a *boa notícia* da inquebrantável fidelidade de Javé, precisamente no momento em que o povo passa pela prova do exílio e da desintegração, correndo o risco de deixar-se vencer pelo cansaço, a frustração e o desalento. Naquela conjuntura histórica conturbada, a palavra do profeta é como uma rajada de vento impetuoso que faz reacender nos ânimos as centelhas adormecidas da esperança e da coragem, devolvendo ao povo a capacidade de encarar o futuro com olhos novos.

Esta mesma palavra profética ressoou como vigoroso "*oráculo de Javé*" na XIX Assembléia Geral da CRB, reunida em São Paulo, no mês de julho. Assumida como lema da Assembléia e fio condutor dos trabalhos ali realizados, a palavra de Jeremias foi para os superiores e superiores maiores uma *pro-vocação* e uma *promessa*.

Como *pro-vocação*, levou a uma séria reflexão sobre as constatações a que chegou a pesquisa de opinião, levada a cabo antes da Assembléia, sobre a visibilidade da Vida Religiosa na sociedade brasileira atual, ou seja, sobre a imagem que a Vida Religiosa está projetando e sobre como essa imagem está sendo captada e sentida. Um dos indicadores que emergem das constatações da referida pesquisa aponta para a situação de *diáspora* em que a Vida Religiosa se encontra hoje. Como interpretar esse sinal dos tempos? Como tomar consciência mais nítida dos desafios inerentes a tal situação? Como dar resposta a

esses desafios? Como identificar as causas das supostas *deformações* na captação da imagem projetada ou da escassa visibilidade constatada: deficiente capacidade de compreender-nos por parte da sociedade hoje, ou *apagão* nosso? Como continuar buscando caminhos de refundação capazes de dar nova credibilidade ao compromisso de religiosos e religiosas com as propostas do Reino, num mundo dividido e excludente?

Como *promessa*, a palavra do Profeta levou a Assembléia a uma renovada *profissão de fé* no futuro da Vida Religiosa. Uma *profissão de fé* lúcida e realista, humilde e corajosa, que nada tem a ver com a ingênua credulidade daqueles que de antemão renunciam a ser construtores do amanhã porque descarregam sua responsabilidade num providencialismo alienante e descompromissado.

Como *pro-vocação* e *promessa*, a palavra profética de Jeremias foi marcando rumos e abrindo horizontes. Ajudou a ver melhor os desafios de hoje e as perspectivas de futuro, apresentados pelos diversos assessores em suas falas imbuídas de sabedoria e intuição profética. Suscitou uma experiência forte de comunhão na esperança e no compromisso. Fecundou o chão da caminhada, de onde brotaram os compromissos e as opções para o novo triênio da CRB e da Vida Religiosa no Brasil.

CONVERGÊNCIA deste mês de setembro quer fazer chegar às comunidades a palavra dirigida aos religiosos e religiosas no início da Assembléia pelo Sr. Núncio Apostólico, Alfio Repisardo, e pelo P<sup>e</sup>. João Roque Rohr, então Presidente da CRB.

Outro evento de grande importância para a Igreja no Brasil foi o Congresso Eucarístico Nacional, que reuniu milhares de pessoas em Campinas, também no mês de julho, para professar sua fé na Eucaristia e celebrar o dom desse mistério admirável, fonte de vida e de santidade para o mundo, memorial perene da Páscoa do Senhor e da *aliança nova* selada no seu sangue. O artigo do **Cardenal D. Aloísio Lorscheider** – “*Eucaristia e Missão*” – é como um eco vibrante do solene evento que foi o Congresso. Constitui um excelente texto sobre o significado mais profundo da Eucaristia na vida cristã. O autor apresenta o mistério eucarístico nas suas várias dimensões – sacrifício, comunhão, presença, missão – e chama a atenção para a incidência que a Eucaristia deve ter na vida e no compromisso dos cristãos e cristãs de hoje: “A Eucaristia (...) só será fonte de vida nova dentro da estrutura de morte em que estamos imersos, se todos, comprometidos, soubermos amar por ações e em verdade, praticando a justiça e a solidariedade”.

**Frei Antônio Moser, OFM**, no seu artigo – “*Biotechnologia: enfim o admirável mundo novo?*” – oferece às comunidades um texto de singular importância nos dias de hoje. Com a sua notória competência, o autor faz uma clara e lúcida apre-

sentação dos avanços que se estão dando com enorme rapidez no campo da biotecnologia e do alcance que esses avanços têm em todos os campos do saber humano, particularmente naquele das ciências que tratam da delicada e complexa questão da vida. O artigo estrutura-se em três passos: “O primeiro será para oferecer uma pálida imagem do que está ocorrendo; o segundo, para contextualizar as novas conquistas; o terceiro, para tentar colocar-nos com maturidade crítica diante das conquistas já feitas e de muitas outras previsíveis num curto espaço de tempo”. O texto merece ser objeto de estudo atento, de reflexão e debate sério nas comunidades, uma vez que missão evangelizadora hoje pede dos religiosos e religiosas que estejam bem informados e sejam capazes de discernir e ajudar as pessoas a se situarem de forma adequada diante dessas candentes questões.

*“Vida para todos no novo milênio: releitura de uma intuição evangélica”* – de **Maria Helena Morra** – é um artigo sugestivo que pretende ajudar as comunidades religiosas a repensar e reler as sua origens evangélicas numa perspectiva atual. Tal releitura constitui, sem dúvida, um caminho de refundação, uma busca de resposta aos ingentes desafios que o mundo globalizado sob o domínio neoliberal coloca para a missão da Vida Religiosa. Para a autora, os fundadores e fundadoras “foram capazes de fazer escolhas geradoras de vida. Beber no carisma que nos foi dado, é beber numa fonte de esperança para o mundo de hoje”. ■

## Tempos de Sinais

## Sinais dos Tempos



Palavra do Papa

Aos Responsáveis das

Oito Nações mais

industrializadas do mundo

**P**or ocasião da abertura dos trabalhos do encontro das oito Nações mais industrializadas do mundo, realizado em Gênova (Itália), o Santo Padre quis dirigir aos seus respectivos Governantes uma mensagem pessoal.

Vaticano, 19 de julho de 2001.

Senhor Presidente

O Papa João Paulo II acompanha com profundo interesse a preparação do encontro dos oito Países mais industrializados do mundo, que se há-de realizar em Gênova a partir de amanhã.

Como sinal da sua proximidade aos ilustres Hóspedes, Sua Santidade desejou enviar-lhes uma mensagem pessoal. Agradecer-lhe-ia se a transmitisse aos interessados, da maneira que considerar mais oportuno.

No momento em que, como responsáveis das oito Nações mais desenvolvidas do mundo, vos preparais para refletir sobre os problemas mais importantes da vida internacional, desejo expressar-vos a minha proximidade humana e espiritual. Ao mesmo tempo, formulo votos para que, durante estes intensos dias de trabalho, ninguém e nenhuma Nação sejam excluídos das vossas solitudes! Sem vos deixar esmagar pelo peso de cada uma das problemáticas, estou persuadido de que vos empenhareis na promoção de uma cultura da solidariedade, que permita soluções concretas para os problemas que mais preocupam os nossos irmãos na vida e nos relacionamentos com os outros: a paz, a pobreza, a saúde e o meio ambiente.

Enquanto faço cordiais votos para que o vosso encontro obtenha bom êxito, invoco sobre vós a Bênção de Deus onipotente.

*Joannes Paulus II*



# 1. Visita a Belém do Pará e a Macapá

**D**ando prosseguimento à recomendação da CLAR constante no Projeto “Pelo Caminho de Emaús” de promover o **visiteo** entre as Comunidades Religiosas, passo a relatar a última viagem do triênio neste sentido. Lancei a semente. Procurei estreitar laços e vínculos entre a Nacional e as Regionais na convicção de que “nos caminhos dos amigos que se visitam, não cresce o mato”. Lancei a semente, reguei as plantas. O Senhor as fará crescer. A seu tempo, darão frutos. Que sejam saboreados por todos.

## Belém

A convite da Regional de Belém viajei para esta capital acompanhado do Prof. Manoel Losada e da Ir. Magda Brasileiro, FHIC da Coordenação Executiva Nacional.

Desde outubro de 2000 os Religiosos e as Religiosas de lá haviam encomendado um curso sobre Análise Institucional e Refundação da Vida Religiosa. Pretendiam reunir uns 60 Superiores(as) Provinciais e representantes dos diversos núcleos.

O interesse nesta matéria brotava da necessidade de operacionalizar a teoria aliada à prática, em vista da reconfiguração organizativa da Secção Regional, inspirando-se na experiência da Nacional e de outras Regionais que já ensaiaram medidas concretas nesta direção.

Embarcamos no vôo 2250 da Varig às 19 horas do dia 11 de maio. Enfrentamos um "céu de brigadeiro" e sem turbulências aterrissamos no Aeroporto de Belém às 22:30 min. Fomos recepcionados pelo Pe. Francisco Sinvaldo Fernandes e uma Irmã Missionária de Santa Teresinha. Gentilmente nos levaram às casas onde ficaríamos hospedados: a Ir. Magda numa creche das Irmãs Teresinhas; Losada e eu na residência Nossa Senhora de Lourdes, dos Jesuítas. Após um delicioso refresco de frutas tropicais, fomos dormir, enfrentando o calor e as revoadas dos mosquitos.

Sábado de manhã, 12/05, rumamos para um Centro de Pastoral da Arquidiocese. Ali teria lugar um encontro com Religiosas e Religiosos inseridos nos meios populares urbanos e rurais do Pará. Após uma explanação sobre as propostas da CLAR e da CRB referentes à opção pelos pobres; à mulher e o feminino; o mundo dos jovens; a espiritualidade encarnada, inculturada e libertadora; a nova eclesialidade, e as áreas prioritárias do Plano Global de Ação, seguiu-se um debate e relatos sobre a repercussão destas linhas inspiradoras e orientações na vida concreta das comunidades inseridas no Pará.

Tirei muito proveito deste encontro, porque revelou aspectos e peculiaridades que desconhecia. Os presentes ostentaram o rosto da missão à qual nós tínhamos sido chamados: alegrias, sofrimentos, despojamento, entranhas de amor e misericórdia para com o povo que luta para sobreviver. Muitas comunidades vivendo com simplicidade e solidariedade nas periferias ocupadas pelos pobres.

Ao meio-dia, fomos levados a um restaurante típico às margens do rio que banha a cidade para saborearmos uma gostosa água de côco e um bom peixe retirado daquele mar de água doce. À meia-tarde regressamos para os nossos alojamentos, preparando-nos para as tarefas do dia seguinte. À noite saímos com o Pe. Fredy Servais, um simpático e bem falante belga, há muito anos radicado no Brasil, para um *city-tour* que nos revelou os contrastes entre as Docas do Pará restauradas e transformadas numa gigantesca praça de alimentação e de shows musicais à beira do cais do porto, e o mercado "ver o peso" exalando o cheiro típico das bancas de peixes e caranguejos e inúmeros balaios repletos de açaí, frutinha maravilhosa que alimenta o povo do norte.

No domingo, 13 de maio, dia das mães e da abolição da escravatura, acompanhamos as missas no Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, testemunhando a fé e a devoção daquela gente que em outubro certamente percorre as ruas de Belém, procurando segurar com uma das mãos a corda do Círio de Nazaré. Impressionou-me a convicção e a desenvoltura com que acompanhavam as

orações e os cânticos a plenos pulmões, mesmo os que permaneciam fora, sob as árvores ou à sombra da Capela, repleta de gente que conjugava os movimentos litúrgicos com o abano dos folhetos da missa, transfinalizados em leques.

Às 11 horas fomos levados à Casa de Retiros das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, em Benevides, a 30 Km de Belém, passando por Ananindeua, e outros pequenos municípios que compõem a Região Metropolitana. Com ares de sítio enfeitado por elegantes palmeiras de açaí, por gigantes cas manguieras carregadas de promissoras e saborosas frutas, por floridos pés de jambo, cujas flores se escondem no interior das copas e ao caírem no chão formam um tapete colorido, nem vermelho, nem rosa, nem lilás, nem roxo, mas da cor da flor de jambo, ali, em modestos alojamentos e bem arejadas salas teve lugar o nosso curso de três dias em regime de internato. Para o almoço afluíram umas 25 pessoas provenientes dos núcleos do interior e da capital. Uma Superiora Provincial, duas ou três Delegadas Provinciais, formadores e diversos membros da Diretoria Regional.

Para acompanhar as calorosas palavras de acolhida proferidas pela Ir. Nancy, Presidenta Regional, e a oração de abertura, os céus também se fizeram presentes por uma pancada de chuva tropical que só assustou os forasteiros, pelo barulho ensurdecedor provocado no telhado de zinco, porque os autóctones já estão habituados com este fenômeno telúrico. Logo explicaram que neste "nortão" de tantas águas tudo se faz "antes" ou "depois" da chuva. Ainda bem, pois a umidade amaina um pouco o calor.

Em nome da CRB Nacional dirigi umas palavras aos presentes, trazendo-lhes saudações da Diretoria, da Coordenação Executiva Nacional, representada pela Ir. Magda, e das Congregações cujas sedes se encontram no sul e no sudeste. Falei dos objetivos destes cursos ou seminários sobre a Análise Institucional e a Refundação da Vida Religiosa. Apresentei o Prof. Manoel Losada que gentilmente aceitou assessorar este encontro.

Em seguida, o próprio assessor propôs uma dinâmica Grupal que, ao mesmo tempo, fizesse cada participante apresentar-se e revelar aos demais as suas expectativas em relação ao curso. Plasticamente, entregou à primeira pessoa a falar um rolo de corda que, após a fala, segurando a pauta, era jogado a um companheiro(a). Pouco a pouco, formou-se uma rede que se constituiu num símbolo eloqüente, significando a união virtual e real a estabelecer-se entre todos em torno da causa comum.

Como autor do 1º capítulo do livro "Análise Institucional e a Vida Religiosa", o Prof. Losada conduziu o estudo em doses homeopáticas, percorrendo sobre os principais conceitos e raciocínios pertinentes à matéria, apresentada em esquemas didaticamente assimiláveis. Mediante breves explanações orais, leituras e reflexões individuais, grupos de discussão e debates em plenário, foi possível entender e dominar o conteúdo de bastante difícil compreensão,

porque redigido no livro em linguagem técnica e psicanalítico-dialética, aplicando-o às situações concretas das nossas instituições.

Assim, o 1º e 2º dias transcorreram céleres, deixando o gostinho de aprofundar ainda mais o assunto com posteriores leituras e estudos. A avaliação final revelou um alto grau de satisfação de todos os participantes.

O terceiro dia, coordenado pela Ir. Magda e por mim, foi dedicado à apresentação do Projeto da CLAR "Pelo caminho de Emaús", do Plano Global de Ação da CRB, do Projeto "Ser Igreja no Novo Milênio" e da preparação para a XIX Assembléia Geral Ordinária. Aproveitamos ainda a tarde para uma visita aos formadores e às formadoras que, em número de 15 inscritos(as), estavam iniciando seu encontro anual, assessorados(as) por um padre diocesano e psicólogo da Ilha de Marajó.

No dia 16 de maio, às 9 horas. Fiz uma visita de cortesia a Dom Vicente Zico, arcebispo de Belém, que expressou suas impressões sobre a Vida Religiosa em sua jurisdição e agradeceu o empenho e a dedicação dos Religiosos e das Religiosas nas frentes de evangelização em comunhão com os demais agentes de pastoral.

À tarde, visitei a nova sede da secção Regional, funcional e aconchegante, e mantive uma reunião de duas horas com os membros da Diretoria. Contaram-me seus êxitos e sucessos na missão de animar, promover, coordenar e articular a Vida Religiosa no Pará e no Amapá. Devido às inúmeras distâncias e dificuldades de comunicação, a Regional organizou-se de tal maneira que os núcleos tenham bastante autonomia e iniciativas próprias. Apesar das dificuldades econômicas, a Vida Religiosa segue muito viva e atuante naquelas terras, banhadas por tantos rios e pelo sangue de mártires que tomaram na defesa dos excluídos e marginalizados pelo sistema ganancioso em constante conflito por terras urbanas e rurais.

Coroando o dia e a visita, fomos juntos a um restaurante para o jantar de despedida. Tiramos algumas fotografias para documentar o agradável evento. Enquanto cada qual se dirigiu à sua casa, eu rumei para o Aeroporto para dar início a minha viagem a Macapá, capital do Amapá.

## **Macapá**

Perto da meia-noite, o avião da VARIG decolou deixando para trás a simpática cidade de Belém, sobrevoou as caudalosas águas do rio Amazonas, transpôs a ilha de Marajó. Ao desembarcar levei um susto quando constatei que não havia ninguém me esperando no apertado hall do Aeroporto. Tinha a informação de que um Frei me levaria ao noviciado dos Capuchinhos, onde me hospedaria. Antes de decidir-me por um dos dois hotéis que mantinham plantão no Aeroporto, porque não tinha endereço, nem telefone de nenhuma comunidade religiosa, fiando-me na recepção que alguém me faria, dirigi-me à parte externa, próxima

ao pátio de estacionamento. Nisso veio chegando em minha direção a Ir. Isidora, das Irmãs de Maria Menina. Tinha estado no curso de Belém. Em sua intuição feminina viera certificar-se da promessa dos Freis. Com isto, eu estava salvo. Rumamos para o Noviciado dos Capuchinhos, muito perto. Um convento de quatro alas interligadas. Era uma hora da manhã e a cidade estava entregue ao silêncio e ao sono profundos. Também os Freis e seu noviços. Por 10 minutos tocamos a campainha da portaria e nenhuma luz se acendia. Por fim, antes de buscar outra solução, a Ir. Isidora descobriu que o portão lateral estava apenas encostado permitindo a entrada de carro. Contornamos a casa por uma trilha de chão batido, mas a Irmã só saiu do carro depois de certificar-se que os 3 cachorros estavam devidamente presos nos canis. Bati na janela de um dos quartos e um noviço sonolento veio abrir a porta dos fundos, estranhando porque Frei João não tinha ido ao Aeroporto. Alojou-me num quarto devidamente protegido por tela contra os mosquitos e arejado por um valente ventilador. Dormi apressado, para acordar ao som do sino do convento às 6 horas. O tempo foi curto.

Às seis e meia pude ouvir, saindo da capela, o som forte e ritmado da recitação das Laudes e o canto gregoriano de alguns salmos. Antes mesmo de ir para o café comunitário, procurou-me o Frei João explicando porque não comparecera ao Aeroporto. Antes de ir dormir havia tomado um remédio que não lhe permitiu ouvir o despertador, apenas, vagamente, o ronco do avião sobrevoando o convento, mas não o suficiente para arrancá-lo da cama. À medida que o som se afastou, ferrou novamente no sono. Estava tudo explicado.

Após o café, deslocamo-nos para o Centro de Pastoral da Diocese. Às 8 h e 30 min iniciou o encontro com aproximadamente 25 Religiosos e Religiosas, alguns deles vindos do interior do Estado, percorrendo 15 horas de ônibus. Ao todo são apenas uns 30 Religiosos(as) Professos(as) em todo o Amapá. Entre-meando cânticos e orações, esforcei-me por corresponder às expectativas desta boa gente. Tendo um retroprojeter à minha disposição, discorri sobre os temas solicitados: Refundação, Projeto CLAR, Plano Global de Ação, Projeto "Ser Igreja no Novo Milênio", à luz dos Atos dos Apóstolos e da Carta Apostólica "Novo Millennio Ineunte".

Apesar do esforço dos ventiladores de teto para refrescar um pouco o ambiente, suei literalmente quatro camisas durante o dia. Encerramos os trabalhos com uma devota e bem participada Missa agradecendo a Deus, aos irmãos e às irmãs o belo encontro que nos proporcionaram.

Unindo o útil ao agradável, a Ir. Isidora levou-me a ver o monumento "MARCO ZERO" exatamente sobre a linha imaginária do equador. Para documentar o inusitado evento, pedi à guia turística que batesse umas fotografias numa pose em que estou com um pé no hemisfério sul e com o outro no hemisfério norte. Senti-me um gonzo que conecta as duas calotas da terra,

pedindo a Deus que faça prevalecer a justiça e a solidariedade neste mundo globalizado, mas carente de paz, justiça e fraternidade.

Outras duas curiosidades: a torre do monumento tem no alto um círculo vasado. No dia 23 de março ocorre o equinócio, quando o sol se apruma exatamente sobre a linha do equador às 15 horas, ele se encaixa no círculo que lhe serve de moldura e espia matreiramente sobre a linha imaginária distribuindo equitativamente sua energia, luz e calor. Depois, migra para o norte. Em 23 de setembro, percorre o caminho inverso (Galileu Galilei que me perdoe) e repete o espetáculo, atração turística. O estádio de futebol também foi construído de tal modo que a linha divisória do campo traceja a linha do equador. As pelejas sempre se dão entre o norte e sul. Ainda bem que trocam de lado no segundo tempo.

Macapá está a 600 km do Oceano Atlântico, às margens do Rio Amazonas. Este, de uma margem a outra, banhando muitas ilhas, tem 300 km de largura. Mesmo assim, as marés do mar se fazem sentir, numa luta titânica entre as águas salgadas do mar e o gigantesco volume de águas doces, porfiando por se abraçar e misturar. Os barcos, para atracar, saindo do canal de navegação, precisam esperar pacientemente a subida da maré. Esta abastece duas vezes por dia os igarapés, verdadeiras incubadoras de peixes, camarões e caranguejos, e os caminhos aquáticos para os moradores ribeirinhos.

Para proteger e defender contra os piratas e invasores as terras do Amapá, conquistadas pela coroa portuguesa no tratado de Madrid em 1750, o Primeiro-Ministro Marquês de Pombal mandou construir a fortaleza de São José, concluída em 1786, cujas muralhas, arsenais, casamatas, canhões e quartéis cercados por profundo fosso, estão em perfeita conservação e ostentam o poderio bélico de Portugal na época. Dos jesuítas, expulsos em 1759, só restou o emblema IHS esculpido no altar da Capela na fortaleza. Depois disto, nunca mais fixaram residência naquelas terras. Esporadicamente, como eu, passaram por lá como forasteiros missionários, em missões rápidas, fugazes e passageiras, conferindo os feitos do passado.

Como despedida e gesto de hospitalidade, a Ir. Isidora e Frei Ribamar Cardoso, mestre de 17 noviços capuchinhos, levaram-me a uma pizzaria, administrada por uma família carioca que se mudou do Rio para Macapá há dez anos quando o território transformou-se em Estado. Aliás, muitos sulistas vieram preencher vazios no governo, nas instituições, no comércio e nas poucas indústrias que se instalaram aí.

Para que a minha visita não terminasse em pizza, levaram-me ainda, altas horas da noite, para um passeio de trenzinho que percorre uns 500 metros rio Amazonas adentro. É uma atração turística super agradável e sensacional. Voltando novamente ao Convento, passamos por uns quarteirões da cidade, onde à noite as andorinhas, aos milhares, oferecem um espetáculo circense,

equilibrando-se sobre os fios elétricos e um concerto monótono de trinados que cantam antes de adormecerem. É fantástico.

Passada meia-noite, fui dormir as poucas horas que me restavam de Macapá. Ao acordar, encontrei debaixo da porta do quarto um cartão de Frei Ribamar. No anverso impresso dizia: "Amigo, sua presença é sempre uma força. Suas palavras, um estímulo para meu crescimento." E no verso, redigidas por Frei Ribamar as seguintes palavras confortadoras: "Estimado Pe. João Roque, foi excelente a sua presença no meio de nós, nos animou e nos encorajou a viver a VR com mais entusiasmo e criatividade. Boa viagem e que Deus lhe acompanhe. Fraternalmente..."

Resta agradecer ao Frei Carlitos a gentileza de levar-me às 5 horas ao Aeroporto subtraindo preciosas horas de seu merecido sono. Aos demais que cooperaram para o bom êxito desta viagem, pela simpatia e sintonia com a CRB Nacional, meus sinceros agradecimentos.

Sobrevoando as grandes águas e a misteriosa floresta amazônica, com escala em Belém, aterrissei no Rio de Janeiro às 10 h 30 min do dia 18 de maio, deixando para trás agradáveis lembranças. E a vida continua... a serviço da animação da Vida Religiosa. A saudade só floresce na ausência.

**PE. JOÃO ROQUE ROHR, SJ**  
**PRESIDENTE NACIONAL DA CRB**

## **Provocações para a Refundação da Vida Religiosa**

## 2. II Encontro Inter-regional do GRENI

### TEMA: MÍSTICA E ESPIRITUALIDADE NAS CULTURAS NEGRAS E INDÍGENAS

ASSESSOR: PE. TONINHO APARECIDO, ORIONITA

Vindos das seis Regionais- CRB – Centro-Oeste, (Brasília, Campo Grande, Cuiabá, Goiânia, Palmas e Porto Velho), 31 Religiosas, e Religiosos e alguns representantes dos Agentes de Pastoral Negros, reuniram-se no Centro Pastoral Dom Fernando (CPDF), em Goiânia, do dia 27 a 29 de abril de 2001, para refletir à luz da fé sobre o tema: “MÍSTICA E ESPIRITUALIDADE NAS CULTURAS NEGRAS E INDÍGENAS,” partilhar as experiências e planejar o compromisso como Religiosas e Religiosos negras (os) e indígenas.

Neste INFORME almeja-se partilhar um pouco da reflexão desencadeada, da experiência vivida e da esperança renovada nestes dias.

*Ressoa o atabaque, o pandeiro... “nosso quilombo está lindo com você!”* Foi o canto de acolhimento na “encruzilhada” do pátio. O assessor fez uma memória histórica principiando pelo Vaticano II, contextualizando a Igreja e a Vida Religiosa na sociedade vigente da época, no que diz respeito às formas de racismo e preconceitos, e às iniciativas e organizações de grupos e movimentos, principalmente no meio do povo negro.

### I- MEMÓRIA

#### 1. Década de 60 – Concílio Vaticano II

- Início do diálogo Ecumênico – nova fase na Igreja
- 1ª Assembléia Geral da CRB, 19 a 21 de julho de 1960 – temática em questão: “recebe-se ou não vocacionados(as) negros(as)...” Em muitos Institutos, Ordens e Congregações, havia em seus Estatutos “ **não receber “brasileiros”** (aqui entendido como os descendentes negros e indígenas). Na sociedade civil, a Lei Afonso Arinos, à época, aprovada recentemente, punia o crime do racismo. Conclusão da Assembléia: retirar o texto dos Estatutos e receber este grupo, porém, após um “exame minucioso”. Esta decisão foi também motivada pelo médico – um dos assessores – o qual, na sua palestra, discorreu afirmando que **como humanos somos iguais, o**

**sangue é o mesmo... que teria o mesmo efeito numa transfusão...** que o Papa Pio XII possuía carinho especial para com o povo negro, tendo nomeado o 1 car deal africano...

- Conferências Episcopais Latino-Americanas – Opção preferencial pelos empobrecidos

## **2. Década de 70 – movimentos populares e da Igreja ganham força**

- Vida Religiosa Inserida – desperta novas vocações nos meios populares.
- Na sociedade civil acontecem Congressos Nacionais e Internacionais Afro.
- No Brasil surge: o Grupo de União e Consciência Negra com o apoio da Igreja.
- Florescem os Agentes de Pastoral Negros (APNs) – que desenvolvem a consciência negra e buscam eliminar os resquícios do racismo.

Aceitos nos Institutos, os afro-descendentes que entravam na Vida Religiosa perdiam a sua identidade, eram uma espécie de “religiosos(as) jabuticabas” (branco por dentro). A religiosa ou o religioso negro sentia-se na obrigação de ser um exemplo, pois a sua falta seria visto como erro de uma pessoa negra. A Vida Religiosa vai **“percebendo que somente abrir as portas, não basta”**, é preciso ESPAÇO, desde a promoção vocacional. **Nasce então o GRENI** – Grupo de Reflexão de Religiosas(os) Negras(os) e Indígenas. Mais que um grupo de reflexão, o GRENI é um espaço para todos, formadores, formandos, simpatizantes, para alargar o horizonte, exercitar o diálogo e entrar no processo de recuperação da Identidade cultural, a partir do processo de inculturação da Vida Religiosa.

## **II- REALIDADES DIFERENTES**

Entre os (as) Formandos(as) negras(os) havia diferentes realidades:

- rapazes e moças que ingressam na Vida Religiosa com participação em movimentos negros e consciência de sua negritude;
- os que não tinham consciência da negritude, enquanto o formador tinha;
- aqueles(as) que despertam para a busca da sua identidade e querem participar do GRENI, mas não recebem apoio dos formadores porque outros(as), também afro-descendentes, são “bonzinhos”, não questionam sobre esta realidade. Este(a) é aquele(a) que poderá ter problemas no futuro, pois não trabalhou a sua identidade, certamente reforçará a leitura daqueles(as) que assim se posicionam: “o negro(a) não está preparado para a Vida Religiosa... Eles(as) não são perseverantes, etc”. Neste contexto é que o GRENI se justifica, pois para resolver o problema tem que se trabalhar o processo.

### III- A IDENTIDADE – QUEM SOU EU?

Antigamente, com a pedagogia da reprodução, a formação era mais fácil: de geração em geração se repetia o processo. Havia uma uniformização, tudo era padronizado. O(a) formando(a) aniquilava seu projeto pessoal e assumia o projeto do fundador (*imitatio*). Hoje, a questão gira em torno de como conjugar o seu projeto pessoal, sua identidade cultural com o carisma congregacional. Nossas Comunidades, com sua diversidade, exigem uma pedagogia criativa para adaptar o Carisma às situações atuais (*creatio*).

O(a) formador(a) deve dar muita atenção à origem do(a) formando(a). Antes, as normas eram objetivas, o que servia para um, servia para todos. Hoje, cada caso deve ser analisado de acordo com a identidade da pessoa. O GRENI é um espaço onde a Vida Religiosa pode trabalhar estas questões. Na história, as diferenças foram usadas como forma de poder como, por exemplo: *da diferença do masculino e feminino surge o machismo*. Não existe diálogo numa relação assimétrica. Para se trabalhar o diálogo, o setor marginalizado tem que se fortalecer. Por isso existem grupos específicos (mulher, negro, índio, etc.) nos quais se constrói a identidade.

São desafios para a Vida Religiosa:

- abrir-se à inculturação para conservar a tradição (conservar o passado e abrir-se aos desafios do futuro),
- recuperar a identidade da pessoa,
- como conjugar a vocação batismal com o carisma da congregação.

Temos uma identidade comum: **somos terra, somos água**. É necessário trabalhar a identidade cultural para intensificação da cultura. Deus é o primeiro agente cultural. O conceito de cultura está ligado à criação. (não se trata de fazer etnocentrismo), **a Identidade vai influenciar na Mística**.

### IV- ELEMENTOS DE RECUPERAÇÃO DA IDENTIDADE

1º – **Corporais** – características físicas visíveis (cor, traços...)

2º – **Origem** – Em se tratando de afro-descendentes, o processo de identificação da origem é mais complexo devido à escravidão (diáspora), que impedia aos negros de uma mesma cultura habitar no mesmo espaço físico. Estudos indicam que predominam no Brasil afro-descendentes das culturas Banto e Nagô.

Características Banto:

- Cultura muito difundida na África.
- No Brasil, presente principalmente em Minas Gerais.
- Manifestações religiosas: Congadas e Irmandades.

- Falam sete línguas, cada uma com vários dialetos.
- Acreditam que o mundo foi criado por Deus- ZAMBI, que criou também a família, centro de todas as coisas.
- Ancestro – o que morreu continua vivo.
- O critério de salvação é o comunitário.
- Consome o excedente em festas para que ninguém acumule bens.
- Falam com o corpo que é sagrado.
- Possuem visão histórica.
- Família matrilinear.
- Extremamente criativos.

#### Características Nagô:

- Menos difundido na África – localiza-se mais na região central.
- No Brasil, presente principalmente no Nordeste.
- Língua: Ioruba.
- Espiritualidade: oferendas, terreiros, Orixás.
- Olorun é o senhor do céu (ORUM) e da terra (AYÊ).
- Olorum cria primeiro a mulher, depois o homem.
- O filho não é função biológica, é graça de Olorum e resultado do feminino.
- Sociedade matrilinear.
- AXÉ é a vida do próprio Deus, a energia.
- O sacerdote comunica o axé às pessoas. É função da mulher, mas pode ser delegada ao homem.
- A sabedoria vem com a idade. Com a valorização do adulto, diminui a juventude, casando-se mais cedo para ser considerado adulto.
- Os Orixás possuem características divinas e humanas.
- O conjunto dos orixás é o equilíbrio.
- A lógica Nagô é analética.
- Ética do equilíbrio.
- Deus se manifesta, sobretudo, no corpo das pessoas.
- O corpo é o centro da liturgia.

Uma cultura que consegue respeitar até as pedras é uma cultura que não é inferior a nenhuma outra. A cultura dos povos africanos é uma cultura milenar.

**3º – A História** – recuperar a história é uma das atividades do GRENI e de qualquer outro grupo afro-descendente. Descobre-se que temos a nossa história e não somos filhos da escravidão, passamos pela escravidão. E isso não pode ser esquecido. Ser escravo não é vergonhoso, e, sim, escravizar.

**4º – O Psicológico – A Auto-estima** – durante a escravidão havia racismo, mas também existia uma “valorização” do escravo porque ele era “moeda corrente”, precisava ser bem tratado para ser bem vendido. Terminada a escravidão, veio o preconceito: “negro é feio”; “negro é preguiçoso”; “negro não

presta"... Cria-se um estereótipo em relação à negra e ao negro, enquanto afirma-se a "beleza branca". Até mesmo a Abolição – uma conquista da luta do negro- é creditada a uma senhora branca que "libertou os escravos". O negro foi perdendo sua identidade, procurando adaptar-se ao padrão branco, e perdendo a sua auto-estima. Hoje constata-se um crescimento neste sentido. Há 15 anos atrás, numa missa afro apareciam mais os elementos da escravidão: o tronco, as correntes, alguém representando um escravo... hoje, as mulheres e homens negros vestem-se com a exuberância das roupas afro. Mas nunca podemos esquecer a escravidão. "**Lembrem-se que fomos escravos no Egito**", nós podemos dizer no Brasil: é preciso passar pela cruz para chegar à ressurreição. A identidade dá equilíbrio à religiosa(o) negra(o), ao leigo(a), para falar com o outro, com o superior, com qualquer pessoa, com a consciência de não ser superior, nem inferior, de ser igual.

**5º – O Espiritual Teológico** – é uma identidade assumida pela fé, mesmo por quem não tem características físicas negras. É uma solidariedade a quem é mais marginalizado. É o processo da Teologia da Encarnação: Jesus escolhe os mais pobres entre os pobres para se encarnar. A recuperação da identidade é um ato de espiritualidade, um caminho de libertação. As características da origem determinam a mística, que é a maneira como eu me relaciono com o mistério. A espiritualidade é o caminho, a mística é anterior.

## **V. O GRENI ESTÁ VIVO.....E NEM ACABOU O QUILOMBO DE PALMARES!**

O encontro foi uma  **festa no terreiro**. Sob o rufar dos atabaques, ao som da música e ao gingado da dança, estudamos, refletimos, rezamos, celebramos a fé e o AXÊ da vida! Sim, renovamos o compromisso da **transcendência** para formar e inovar os Quilombos-Páscoa da vida! Vida pessoal, comunitária, religiosa, eclesial! Alegria redobrada nos foi a presença afetiva, efetiva e solidária dos irmãos e irmãs da Diretoria da CRB Regional e a presença de um membro da Coordenação Executiva Nacional (CEN); confirmaram seu apoio, incentivo e sua crença de que os "quilombos GRENI(s)" são formas e manifestações singulares e imprescindíveis no processo de Refundação da Vida Religiosa no Brasil.

## **VI. O CAMINHO**

Reconhece-se sempre mais a necessidade de um aprofundamento maior sobre a espiritualidade dos povos indígenas e, quem sabe, de um momento em

que seus descendentes religiosos(as) encontrem-se de forma específica, não para separar, mas, para mergulhar mais a fundo no poço que lhes é peculiar – sua mística – e, assim, somar forças e deslanchar na comunhão – negros(as) e indígenas. Planejou-se o próximo encontro, a nível inter-regional, voltado somente para este tema.

Expressiva foi a presença e a participação dos(as) leigos(as) APNs

Estamos na estrada, buscando a meta! Corramos velozes! Coloquemo-nos a caminho, com o olhar voltado para a meta! Quanto mais andamos para frente, tanto mais conseguiremos exercer influência, inaugurar novas relações, conosco mesmos, nas estruturas da Vida Religiosa, da Igreja e da sociedade. Relações de iguais! Relações de irmãos e irmãs, e... ***no terreiro da irmandade, cantar a dor, dançar a festa e a alegria, regar a semente do bem, renovar e transmitir o AXÉ DA VIDA.***

IR. M<sup>a</sup> ZENAIDE COSTA, BMVA

**Há uma Esperança  
para o Teu Futuro**

# XIX Assembléia Geral

## Ordinária da CRB

*Realizou-se em São Paulo, de 09 a 13 de julho de 2001 a XIX Assembléia Geral Ordinária da CRB. Na sessão de abertura, o Sr. Núncio Apostólico, **Alfio Rapisarda**, dirigiu-se aos participantes com o discurso que transcrevemos aqui. Transcrevemos também o discurso proferido pelo **Pe. João Roque Rohr**.*

Caríssimos irmãos e irmãs,

Agradeço de coração o convite do Revdo. Pe. João Roque Rohr, SJ, a dirigir-lhes a palavra nesta sessão inaugural da vossa XIX Assembléia Geral Ordinária, oferecendo-me assim, a grata ocasião de encontrar-me com a grande Família que constituem os numerosos e beneméritos institutos religiosos no Brasil e manifestar-lhes os sentimentos de minha simpatia e estima pelo que cada um deles é e representa para a Igreja neste nosso país.

É-me grato saudar o Revdo. Pe. Eusébio Hernandez, representando aqui, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, cuja presença, manifesta o interesse da Santa Sé e do mesmo Santo Padre, o Papa João Paulo II, para com a Vida Religiosa no Brasil.

Caríssimos irmãos e irmãs,

Estamos ainda respirando a atmosfera da comemoração do nascimento para a fé do Brasil, ocorrido naquele 26 de abril de 1500, e dos 500 anos de Evangelização do País e como feliz coroamento de tal histórica comemoração, nos próximos dias teremos em Campinas, o Congresso Eucarístico Nacional, com seu expressivo convite: "Venham para a Ceia do Senhor".

Quero aproveitar a ocasião desta assembléia, para render uma homenagem de justiça e de sincera gratidão, aos beneméritos missionários, que no transcurso do tempo, se sucederam na tarefa evangelizadora.

Uma homenagem de justiça, em primeiro lugar.

Ainda que os descobridores vieram a esta terra por interesses pessoais e comerciais, não há dúvida de que os missionários não tiveram outro objetivo além da Evangelização, isto é, do anúncio e da proclamação da pessoa e da presença viva e atuante de Jesus Cristo em nosso meio, impelidos pelo seu mandato: "Ide... evangelizai". Assim, resultaria ofensivo e insustentável, querer igualar a evangelização dos missionários com os métodos da colonização que se teriam aqui praticado.

Podemos talvez, não concordar com a maneira como teria sido encaminhada a evangelização, assumindo até, tendência de criticar hoje, o que se passou há 500 anos, mas devemos reconhecer que os evangelizadores vieram movidos pelo propósito de anunciar o Cristo, convencidos, como somos nós, que o Cristo é necessário, é indispensável para o homem de todos os tempos e em qualquer condição, sem exclusão alguma, pois Ele, como repete o Santo Padre João Paulo II, conhece o que existe no coração do homem; só Ele o conhece. Ele é, portanto, a libertação de todos os males, principalmente do pecado, raiz de todo mal.

Uma homenagem de gratidão, por isso, aos missionários religiosos e religiosas, por terem trazido a esta terra, um personagem que teria influência decisiva para a formação da nação brasileira. Esse personagem é Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus feito pessoa humana há 2000 anos, que os Bispos latino-americanos em Santo Domingo, chamaram "o Evangelho vivente do amor do Pai." Ele, como expressou o Santo Padre, de fato, "iluminou mais claramente os sinais da presença de Deus (entre os povos que aqui habitavam) e reforçou, pela lei do amor fraterno, a consciência moral e as virtudes tradicionais dos povos indígenas" (Mensagem aos Indígenas da América, Santo Domingo, 13.10.92, nº 2).

Caríssimos irmãos e irmãs,

A Assembléia que nos reúne é uma manifestação do propósito que vos anima, de continuar a obra evangelizadora que tantos de nossos irmãos e irmãs vêm conduzindo no transcurso dos 500 anos de Evangelização do Brasil. Pois a Assembléia deste ano quer ser uma reflexão sobre as necessidades e os desafios que o mundo de hoje, neste início do novo século e milênio, nos apresenta; uma reflexão orientada na busca de novos caminhos e rumos, para que a Vida Religiosa possa apresentar-se e constituir-se como "uma luz acendida na luz do Cristo Ressuscitado e refletida no rosto de cada um dos nossos irmãos e irmãs".

É assim que entendo e interpreto o tema da Assembléia: "Tempo de Sinais, Sinais dos Tempos". Provocações para a Refundação da Vida Religiosa. "Há uma esperança para o teu futuro".

E este o auspício que me parece formular o mesmo Presidente da CRB, o estimado Pe. João Roque Rohr, SJ, na sua "Apresentação" do Caderno nº 29, contendo textos para a reflexão sobre o tema proposto.

“A luz do Cristo Ressuscitado refletida no rosto de cada um dos nossos irmãos e irmãs”.

Nesta expressão, creio que podemos, encontrar como que o compêndio da Vida Religiosa: da sua razão de ser e do seu agir.

Com efeito, se concordando com o Santo Padre, reconhecemos que a missão da Igreja consiste em “refletir a luz de Cristo em cada época da história, e, por conseguinte, fazer resplandecer o seu rosto também diante das gerações do novo milênio” (Novo Milênio Ineunte, n° 16), não há dúvida de que, no cumprimento desta missão, perene e sempre atual, a Vida Religiosa ocupa um lugar indispensável e insubstituível.

Pois os religiosos, como afirma o Papa Paulo VI, “através de seu ser mais íntimo, se situam dentro do dinamismo da Igreja, sedenta do Absoluto de Deus. Chamada à santidade, é desta santidade que eles dão testemunho” (EN 69).

Por isso, a Constituição dogmática *“Lumem Gentium”* do Concílio Vaticano II, recomenda que os religiosos “cuidem que através deles, a Igreja possa, de fato, manifestar sempre melhor Cristo” (cf. n° 46). “Manifestar sempre melhor Cristo”, eis porque temos que atualizar-nos, para que a manifestação do Cristo responda às exigências, aos problemas e aos desafios que cada época apresenta e para que ela seja sintonizada aos sinais dos tempos. Eis porque com esta assembléia, vós propondes percorrer “Caminhos de Refundação”.

Já há muito tempo, em particular depois de Medellín, Puebla e Santo Domingo, os religiosos e as religiosas da América Latina, assim como do mundo todo, vem perguntando-se e interpelando-se sobre a própria responsabilidade e o próprio compromisso diante do desafio e da situação que vivem os povos do Continente. E em diversas ocasiões, o Santo Padre o Papa João Paulo II, tem se referido nos seus discursos, à fidelidade ao carisma de cada família religiosa, como contribuição à promoção e à transformação da sociedade, para que esta seja mais humana, mais justa e mais fraterna.

Uma fidelidade, à qual se refere o Papa, por certo que não significa e não deve e nem pode entender-se como “imobilismo”, olhando e parando no passado, mas que deve ser “criativa”, como a define o mesmo Santo Padre, para que possa despertar a fé no Cristo na sociedade do nosso tempo, que vemos como que adormecida pela mentalidade secularizada que se respira e que penetra todos os ambientes, na qual a transcendência do ser humano e os valores absolutos não têm lugar.

Como fazer para que os homens e as mulheres de hoje se encontrem com o Cristo, é que nos indica o Santo Padre na sua carta *“Novo Milênio Ineunte”*, quando nos exorta a refletir “sobre o mistério de Cristo, fundamento absoluto de toda a nossa ação pastoral” (cf. n° 25), pois é Ele que, “sendo ao mesmo tempo Deus e homem, revela-nos também o rosto autêntico do homem, revela o homem a si mesmo” (cf. n° 23).

Referindo-se ao Evangelho de São João, que nos fala sobre os peregrinos gregos que se dirigiram a Jerusalém, por ocasião da Páscoa e manifestaram a Filipe o desejo de “ver Jesus”, o Santo Padre comenta que “como aqueles peregrinos de há dois mil anos, os homens do nosso tempo, talvez sem se darem conta, pedem aos crentes de hoje não só que lhes “falem” de Cristo, mas, também que de certa forma, lh’O façam “ver” (cf. n° 16).

Por isso, o Sumo Pontífice nos exorta a animar-nos de confiante otimismo, movidos não por uma esperança ingênua de que possa haver uma fórmula mágica para os desafios do nosso tempo, mas pela pessoa de Jesus Cristo, e pela certeza de que esta pessoa nos infunde, pois Ela está sempre conosco” (cf. n° 29).

Nos Atos dos Apóstolos, lemos sobre aquele homem que, não podendo andar por si mesmo, todos os dias era colocado à porta do templo para que pedisse esmolas. Um dia, vendo Pedro entrar no templo, o homem olhou para o Apóstolo com atenção, na esperança de receber dele alguma coisa.

Caríssimos religiosos e religiosas,

A sociedade de hoje, semelhante ao homem dos Atos dos Apóstolos, também está de olho na Igreja com atenção, ainda que crítica, esperando receber dela alguma coisa, mesmo sem se dar conta, como nos diz o Santo Padre (cf. n° 16).

Faço votos para que vossos institutos religiosos e cada um e cada uma de vós possam responder como o Apóstolo Pedro: “Não tenho nem ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!” (At 3,6).

São Paulo, 09 de julho de 2001.

**DOM ALFIO RAPISARDA**  
**NÚNCIO APOSTÓLICO NO BRASIL**

## Palavra de Abertura

Já se tornou praxe nas Assembléias Gerais da CRB que o Presidente dirija uma palavra de abertura e de saudação aos e às participantes. Hoje tenho a jubilosa alegria de falar, no início desta XIX Assembléia Geral, a mais de 500 Superiores e Superiores Gerais e Provinciais que se congregam aos Delegados Regionais, aos membros da Diretoria Nacional, do Conselho Superior, do Conselho Fiscal, aos Presidentes das 20 Secções Regionais, aos membros da Coordenação Executiva Nacional e das Assessorias Regionais e aos ilustres visitantes e convidados que nos honram com a sua presença. A todos e a todas cordiais

saudações e efusivos cumprimentos por parte do Organismo de Coordenação fundado há 47 anos com a finalidade de animar, promover, coordenar e articular a Vida Religiosa no Brasil.

Esta fala inicial tem sempre uma dupla finalidade: evocar a memória do triênio que passou e apontar rumos que eventualmente poderão nortear a missão da Conferência que caminha de horizonte em horizonte, sabendo que a vida continua. Neste sentido, pretende modestamente ser um pequeno motor de arranque. Na verdade, a palavra que contará mais será aquela que conseguirmos formular e pronunciar juntos para operacionalizá-la no próximo triênio. Esta sim, será alicerçada sobre a palavra de Jesus sempre atual e eficaz da graça: *"Eu vos declaro ainda: se dois dentre vós, na terra, se puserem de acordo para pedir seja o que for, isto lhes será concedido por meu Pai que está nos céus. Pois, onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou no meio deles"* (Mt 18,19-20). Ora, aqui estamos não apenas dois ou três, mas centenas, representando milhares de Religiosos e Religiosas que, no Brasil inteiro, na América Latina e em outros Continentes sabem que estamos reunidos em nome do Senhor e com Ele iniciamos este significativo evento na solene liturgia eucarística que acabamos de celebrar em que O comungamos como hóspede comum em cada um de nós, convidando-o como os discípulos de Emaús: *"Fica conosco"* (Lc 24,29). E Ele está no meio de nós, pois marca contínua presença em nosso meio não só pela palavra e pelos sacramentos, mas especialmente pela luz e pela força do seu Espírito Santo que nos faz todos juntos clamar: *"Abba, Pai"* (Gl 4,6). *"Há diversidade de dons, mas um mesmo é o Senhor. Há diferentes atividades, mas um mesmo Deus que realiza todas as coisas em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem comum"* (1Cor 12,4-7). Como são apropriadas estas palavras à CRB como Instituição intercongregacional, na riqueza e na variedade dos carismas que demandam contínua atualização a serviço do bem comum. Por isso, aqui nos congregamos de três em três anos para recolher-nos, para lançar um olhar retrospectivo e avaliativo sobre o caminho percorrido, para fazer uma previsão conjunta do futuro e traçarmos juntos o destino *"para o qual nos projeta o Espírito a fim de realizar conosco ainda grandes coisas"* (VC 110).

Para podermos prestar com qualidade este serviço ao bem comum e realizar ainda grandes coisas, tanto em nossas próprias Congregações, quanto em projetos e iniciativas Intercongregacionais, nós nos propomos, a partir de ampla e abrangente sondagem, a perscrutar o "tempo de sinais e os sinais dos tempos" e, a nos confrontar com as "Provocações para a Refundação da Vida Religiosa".

Sendo estes os temas e os subtemas desta Assembléia, é lógico concluir que estamos diante de interpelações, interrogações, desafios e perguntas para as quais ainda não sabemos as respostas. Por um lado, afirmamos que vivemos

num tempo de sinais. E são tantos! Em comparação com o ícone da transfiguração de Jesus Cristo, são tantos os rostos de irmãos e irmãs nossos desfigurados, clamando por justiça, evangelização e solidariedade. São sinais eloqüentes que se multiplicam aos milhões e milhões. Diante deles, somos convidados no dizer de José Maria Guerrero, a sermos *“finíssimos sismógrafos das desumanizações”*, como foram nossos fundadores e fundadoras a seu tempo.

Por outro lado, estamos dispostos a perceber e a interpretar os *“sinais dos tempos”* para podermos discernir e corresponder à vontade de Deus, agora e no futuro. Não queremos fazê-lo como os fariseus e saduceus que queriam comprovar a missão divina de Jesus, pedindo-lhe um *“sinal do céu”*. A estes, soltando um profundo suspiro, Jesus diz: *“Por que esta geração pede um sinal? Na verdade... não será dado sinal a esta geração... senão o sinal de Jonas”*. Para os discípulos e os bem intencionados este sinal é explicado por Lucas como sendo a própria pregação de Jesus. Segundo Mateus o *“sinal de Jonas”* é o mistério pascal. *“Como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites, assim ficará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra”* (Mt 12,40).

Pe. Franciscò Taborda, no seu texto sobre a Refundação sob o signo de Jonas nos adverte: *“Os “sinais” de Deus não nos poupam da fé. Pelo contrário, exigem fé e só serão vistos por quem tem fé. Vale do “sinal de Jonas”, vale dos “sinais dos tempos”*.

Como aos discípulos, por que lhes quer muito bem, continua dirigindo a nós as mesmas perguntas: *“Tendes o coração endurecido? Tendes olhos, não vedes? Tendes ouvidos, não ouvis?”* (Mc.8,17-18). É para isto que estamos aqui reunidos: para descongelar os nossos corações, aquecendo nossos desejos de consagração... para ver... para ouvir... e dar corajosas e ousadas respostas aos sinais percebidos e interpretados na fé.

Há quem diga que estamos metidos incômoda e resignadamente num túnel em curva sem luz. Não comungo com esta idéia. Afirmo categoricamente e convictamente que caminhamos em campo aberto à luz do Cristo Ressuscitado. Movidos e motivados pelo seguimento fiel e criativo de Jesus, somos portadores e sinais de esperança rumo aos novos céus e à nova terra. Posso testemunhar que ao longo dos seis anos de presidência na CRB, encontrei muitos Religiosos e Religiosas com brilho nos olhos, assimilando para si e refletindo para os outros a luz do Ressuscitado. Mesmo sabendo que *“agora vemos em espelho e de modo confuso, mas estamos no rumo da visão face a face”* (1Cor 13,12).

Houve neste tempo muito empenho, dedicação e entusiasmo no reencantamento pela pessoa de Jesus Cristo e seu Reino. Esforços e coragem por compreender o significado e a promoção do processo de Refundação e a sua reper-

cussão para dentro e para fora da Vida Religiosa. Para dentro, relendo e atualizando o carisma próprio de cada Congregação, adequando as estruturas e organizações. Para fora, pela atenção dada aos problemas sociais. Uma leitura em profundidade da História como fazem os verdadeiros profetas alerta-nos que a insistência atual na refundação, não quer dizer, de maneira alguma, que não se tenha caminhado neste sentido. Já houve muita fidelidade criativa e muita criatividade fiel. Mas, temos ainda um longo caminho a percorrer.

A palavra Refundação tem dez letras e um til. Como a escala musical de apenas 7 notas comporta inesgotáveis melodias, ritmos, arranjos, composições e acordes inscritos em pautas e partituras aparentemente sempre iguais ou muito semelhantes, assim também o processo de refundação é sempre antigo e sempre novo. Recriar o carisma é buscar, é encontrar, é inventar a nova musicalidade da Vida Religiosa e cantá-la ou tocá-la no ritmo e ao compasso do tempo atual e futuro e na tonalidade que revela ao mesmo tempo originalidade, criatividade e fidelidade. Nosso "*cantus firmus*", na feliz expressão do Pe. Edenio Valle, é sempre: "*Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre*" (Hb 13,8). Às vezes é cantado como solo, a uma só voz. Mais bonito quando polifônico, executado por um coral ou uma orquestra sinfônica. A manifestação desta arte, ao mesmo tempo em que respeita as regras fundamentais do solfejo e da linguagem própria, não fica engessada nas antigas estruturas, não esclerosa nem mumifica na mesmice, não repete mecanicamente o passado mas conserva a plasticidade e a flexibilidade dos odres novos para vinho novo. Neste sentido, a arte imita e reproduz a vida e a vida se expressa e se reflete na arte. Governar, portanto, na dinâmica da Refundação é uma arte que diverte e converte continuamente.

Frei Camilo Maccise, Superior Geral dos Carmelitas e ex-Presidente da União dos Superiores Gerais, do alto de sua experiência e sabedoria, adverte que a refundação não pode ser tarefa exclusiva da autoridade na Vida Consagrada. Isso requer a colaboração das pessoas, das Comunidades, das diversas circunstâncias que configuram um Instituto. O Governo tem, entretanto, um papel necessário na abertura dos novos caminhos ou no fortalecimento do já alcançado. Pode acelerar ou travar o processo, às vezes até engatar marcha-ré.

Como estou falando para uma seleta platéia constituída na sua maioria por quem exerce o ministério da coordenação e de governo, chamada a liderar e a animar os próximos passos desta jornada, valho-me das palavras de Frei Camilo discorrendo sobre Liderança Dinâmica em tempos de Refundação. Apresento aqui algumas palavras-chave, atendendo à advertência de Jeremias, 31-21: "*Levanta marcos para ti, coloca indicadores (balizas) de caminho, presta atenção ao percurso ou a rota, na trilha por onde andas... Porque Javé cria algo de novo sobre a terra*".

Os marcos, as balizas, a rota que Maccise nos ajuda a colocar no exercício cotidiano da liderança dinâmica visando a Refundação se resumem na descrição de suas características, de seu itinerário prático e das atitudes que devem acompanhar o exercício de sua conduta animadora.

São características de uma liderança dinâmica:

### **1. Atitude de fé**

“A liderança em tempos de refundação requer uma visão contemplativa da realidade, uma fé profunda, tempos fortes de oração, leitura da Palavra de Deus na Escritura e na vida. É a fé que levará o líder a descobrir, nos sinais dos tempos e dos lugares, as interpelações do Senhor que pede sua colaboração para animar a fidelidade criativa de seus irmãos ou irmãs.”

### **2. Capacidade de diálogo e discernimento**

É indispensável para descobrir a direção para a qual marchar e os meios para chegar à meta.

### **3. Criatividade**

Esta dá à liderança a capacidade de situar-se de maneira original e nova em relação a um mundo com mudanças rápidas e profundas para enfrentar e superar as resistências através de caminhos inéditos. *Caminhando se faz caminho...* A criatividade se aplica à releitura atualizada e recriada do Carisma e à adequação das estruturas novas demandadas por esta atualização.

### **4. Realismo**

Exige os pés no chão. O realismo significa a aceitação dos conflitos e resistências diante das mudanças. Nem depressa demais, nem devagar demais.

### **5. Ousadia**

Confiança, liberdade e valentia para enfrentar e superar os obstáculos.

São itinerários práticos de uma liderança de Refundação.

- a) A espiritualidade (experiência de Deus)
- b) A formação inicial e permanente
- c) A vida fraterna em comunidade
- d) O redesenhar as presenças (a missão, em diálogo com a realidade)

As principais **etapas** de um itinerário de Refundação são:

- a) Análise da situação social e eclesial
- b) Inculturação do Carisma e da espiritualidade do Carisma
- c) Associação e parceria com os leigos que aderem ao carisma.

São meios para levar adiante o **itinerário** da Refundação:

- 1) As reflexões comunitárias, provinciais e a nível geral.
- 2) Organização de cursos de Formação Permanente sobre o carisma e a espiritualidade do Instituto.
- 3) Reuniões periódicas com os responsáveis regionais do Instituto.
- 4) Congressos Internacionais sobre diversos aspectos do carisma e do apostolado da própria Família Religiosa.

Finalmente, Maccise aponta algumas **atitudes** para uma liderança de Refundação.

- a) Aceitar o risco da fé e dos caminhos de Deus. Confiança em Deus e aceitar viver em uma situação de êxodo, de saída, de desinstalação.
- b) Discernimento evangélico... Não é possível ter uma certeza total. É preciso tomar consciência dos sinais dos tempos e dos lugares para examiná-los criticamente num clima de fé orante e decidir com coragem e lucidez.
- c) Viver uma espiritualidade de conflito. É normal que o abrir novos caminhos e o impulsionar para que se entre neles tropece em resistências e oposições. Não acontece assim, também em nossas Congregações, em que alguns, pelo menos, são refratários às mudanças e transformações? Por isso, sem desalento e desespero, aplicar a pedagogia do conflito.

Concluindo, resta dizer que a CRB neste triênio envidou muitos esforços para percorrer, intecongregacionalmente, este itinerário, passar por estas etapas, empregar estes e outros meios e colocar nestas características atitudes de uma liderança dinâmica em prol da Refundação da Vida Religiosa. O instrumento foi o Plano Global de Ação. Nele, especificamente, os projetos referentes ao governo e à coordenação. Um vídeo, contendo oito preciosas dicas, pretendeu ser uma ajuda para a animação e atualização dos carismas sob a responsabilidade de quem exerce o ministério da liderança nesta mudança de época. Os Irmãos e as Irmãs avaliem os resultados obtidos e impulsionem a Conferência a prosseguir na obra começada. Indiquem os rumos a seguir e a velocidade para alcançar as metas desejadas.

A sinergia que brota deste Cenáculo se irradie beneficentemente para as nossas Congregações, para as nossas Igrejas locais e para o mundo, palco e cenário de nossas presenças sinalizando a esperança e o advento dos bens futuros.

Com sinceros agradecimentos pelo comparecimento e votos de pleno êxito, declaro aberta a XIX Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil.

Muito Obrigado!

**PE. JOÃO ROQUE ROHR, SJ**  
PRESIDENTE NACIONAL DA CRB

## **Projeto da CLAR**

### **“Pelos caminhos de Emaús”**

### **Plano Global de Ação da CRB**

### **Projeto “Ser Igreja no Novo Milênio”**

# A Eucaristia e Missão

ALOÍSIO CARDEAL LORSCHIEDER  
ARCEBISPO DE APARECIDA-SP

1. É com grande respeito e profunda veneração – *"Tantum ergo Sacramentum veneremur cernui"* – que abordamos este tema. Todo ele é **vida**: vida do mundo (Jo 6, 51); vida eterna (Jo 6, 54): *"O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo... Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia"*.

2. Para avaliar a Eucaristia em toda a sua grandeza, força e dignidade, é preciso contemplá-la em seus aspectos de

- **Sacramento-Sacrifício**
- **Sacramento-Comunhão**
- **Sacramento-Presença**  
(cf. *"Redemptor Hominis"*, 20)
- **Sacramento-Missão**

São aspectos intimamente conexos, mas que, devido à consideração sistemática, deverão ser detalhados.

## 2.1. Eucaristia: Sacramento – Sacrifício

É o sacrifício do Corpo Místico de Cristo, da Cabeça Cristo Jesus e dos membros deste Corpo, que somos nós.

Quatro palavras do Concílio de Trento fazem-nos sentir o alcance deste sa-

crifício. São as palavras: *Memória ou Memorial (Anamnese), Representação, Renovação, Aplicação* do sacrifício da Cruz (cf. DBS 1739-1741).

### 2.1.1. Memória

É o Memorial da Páscoa do Senhor. Páscoa tomada em toda a sua amplitude: passagem por este mundo e volta para o Pai (cf. Jo 13,1). As referências bíblicas são muitas claras: *"fazei isto em memória de mim"* (Lc 22,20). – *"Todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, lembrais (anunciais) a morte do Senhor até que ele venha"* (1Cor 11,26). A Eucaristia como *Memória* e *Memória viva* liga-nos neste nosso *hoje ao ontem* (passado), projetando-nos para o *futuro*, para o *sempre*: *"Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para a eternidade!"* (Hb 13,8). Por isso, a liturgia nos faz proclamar todos os dias: *"Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição; vinde, Senhor Jesus!"* (Preces Eucarísticas – Missal Romano).

Pela Eucaristia, é colocada, em nosso ser, a *semente da imortalidade* – e

quando digo “em nosso ser” quero dizer: “em nosso mundo”, “em nossa história”- enquanto, por ela, *comungamos* o Cristo Morto-Ressuscitado e *participamos* da sua Morte e Ressurreição. É toda a mística sacramental paulina do cristão que morre e ressuscita em Jesus, do mundo que se vai renovando em Jesus Morto e Ressuscitado que recebe aqui a sua aplicação (cf. Rm 6-8). Cristo Ressuscitado é a vida nova injetada no mundo para a sua total transformação.

### 2.1.2. Representação

O sacrifício da Cruz torna-se de novo presente, é re-apresentado o sacrifício do Calvário, se fizermos a leitura na ótica de Odo Casel; é apresentado, visualmente, pela consagração separada das duas espécies, se a nossa leitura acontecer na ótica da Encíclica “*Mediator Dei*” de Pio XII (20 de novembro de 1947).

### 2.1.3. Renovação

A cruz com o seu fruto precioso, Jesus, é plantada sobre o altar: é a “*renovação da aliança do Senhor com os homens*” (“*Sacrosanctum Concilium*”, 10).

### 2.1.4. Aplicação

No Calvário Nosso Senhor construiu uma grande piscina, que ele encheu com o seu preciosíssimo sangue. O sacrifício eucarístico joga-nos, todos os dias, nesta piscina sagrada purificando-nos totalmente: “*Aplacado pela oblação deste sacrifício o Senhor, concedendo a graça e o dom da penitência, perdoa os crimes e os pecados mesmo os maiores*” (DBS 1743: “*Huius quippe oblatione placatus Dominus, gratiam et donum paenitentiae concedens, crimina et peccata etiam ingentia dimittit*”).

Temos no Calvário a nascente de um grande rio – outra imagem ilustrativa –, o rio do sangue de Jesus. Ele deve inundar o mundo inteiro. O sacrifício eucarístico constitui outros tantos braços deste rio maravilhoso divino. É o nosso banho diário purificador no sangue precioso de Jesus!

## 2.2. Eucaristia: Sacramento – Comunhão

“O cálice de bênção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Já que há um só pão, nós embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos deste único pão” (1Cor 10,16-17).

Estas palavras do Apóstolo São Paulo têm o seu fundamento nas afirmações do próprio Cristo Jesus: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6,56). A comunhão de Jesus Eucarístico é comunhão com Jesus Eucarístico, é *permanência* em Jesus Eucarístico. Adquire, na visão eucarística, força extraordinária o dizer de São Paulo na Carta aos Gálatas: “*Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim*” (Gl 2,20). Este “*pela fé*” de São Paulo, colocado na luz do Evangelho segundo São João capítulo 6, torna-se: *pela fé na Eucaristia!* É na Eucaristia que continua vivo o Filho de Deus no seu amor e na sua entrega para comigo. A Eucaristia é o *memorial vivo* do mais alto gesto de amor de Alguém, que se chama Jesus Cristo, que deu a sua vida por seus Amigos (Jo 15,13: “*Ninguém tem maior amor do que aquele que*

dá a sua vida por seus Amigos”). A Eucaristia-Sacramento-Comunhão prolonga o supremo gesto de *doação* do Senhor Jesus. Por isso, Eucaristia é *essencialmente doação!*

Para iluminarmos um pouco mais a Eucaristia Sacramento-Comunhão é necessário ler a alegoria da *videira e dos ramos* que o evangelista São João nos apresenta nas palavras de Jesus no capítulo 15: “*Eu sou a videira verdadeira... e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele, produz muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer*” (Jo 15,1.5). É o mesmo ideário que encontramos em João 6, quando Jesus diz: “*Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente*” (Jo 6,51). E ainda: “*Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós*” (Jo 6,53). É o eco do “*sem mim nada podeis fazer*” (Jo 15,5). E ainda: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6,56). Jesus é a comida verdadeira, é o sangue verdadeiro (Jo 6,55), como é *videira verdadeira*. Só comendo a carne verdadeira de Jesus, que é comida verdadeira, só bebendo o sangue verdadeiro de Jesus, que é bebida verdadeira, a pessoa humana permanecerá em Jesus, como permanecerá em Jesus ao receber do suco da videira verdadeira.

Nesta linha de pensamento, olhando a Eucaristia-Sacramento-Comunhão, não se pode deixar de ler numa chave eucarística o capítulo 17 de São João no Evangelho, o capítulo da oração da unidade ou da oração sacerdotal. É nesta oração onde Jesus torna a insistir na profunda comunhão que deve existir entre ele e os que nele crêem, os seus discípulos: Rogo

“*a fim de que todos sejam um, como tu, Pai, em mim e eu em ti, que sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste... Eu neles e tu em mim para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como tu me amaste*” (Jo 17,21.23). Neste texto salta à vista o nexó íntimo com o sermão do pão da vida no capítulo 6 de São João no Evangelho, onde lemos: “*Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, também aquele que me come viverá por mim*” (Jo 6,57).

É preciso elevar-nos à contemplação da vida intra-trinitária, à comunhão entre Pai, Filho e Espírito Santo, para intuímos a grandeza do mistério eucarístico-comunhão em nossa existência humana e cristã. É a circunincessão trinitária: o Pai todo no Filho, o Filho todo no Pai, o Pai e o Filho todo no Espírito Santo, o Espírito Santo todo no Pai e no Filho, que nos fazem avaliar, de alguma forma, o mistério imenso de vida oculto na Eucaristia-Sacramento-Comunhão.

Também não podemos omitir a verificação de que está estreitamente ligada à comunhão *a missão*. Diversas vezes aparece esta ligação: o Pai que me enviou; tu, Pai, que me enviaste... Nós que comungamos Jesus Eucarístico também somos enviados, mensageiros da vida nova de Jesus Morto-Ressuscitado!

Convém aqui lembrar também a idéia da Eucaristia-*Alimento*, alimento que dá vida. A carne eucarística é carne *vivificante*, o sangue eucarístico é sangue *vivificante*: é vida sempre nova, sangue sempre novo que é infundido no Corpo Místico de Jesus Cristo e por meio dele no mundo todo. Situa-se igualmente aqui a *ação do Espírito Santo*. Foi feliz a retomada da *epiclese* nas

Preces Eucarísticas, pedindo que o Pai envie o Espírito Santo para que as nossas oferendas se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo. É o Espírito Santo que faz novas todas as coisas: *“Eis que faço novas todas as coisas. Céu novo, terra nova, tenda de Deus com os homens, Deus com o seu povo”* (cf. Ap 21,1-3). Estamos diante da árvore da vida plantada no coração da Igreja e, por mediação dEla, no coração do Mundo, frutificando diariamente (cf. Ap 22,2).

### 2.3. Eucaristia: Sacramento – Presença

O Vaticano II, na Constituição *“Sacrosanctum Concilium”*, 7, lembra a presença de Cristo em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na Cruz, quanto *sobretudo* sob as espécies eucarísticas. Presente está pela Sua força nos sacramentos, de tal forma que quando alguém batiza é Cristo mesmo que batiza. Presente está pela Sua palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja. Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia; Ele que prometeu: *“Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles”* (Mt 18,20).

A estas presenças recordadas pelo Vaticano II podemos acrescentar ainda uma misteriosa de que fala Mateus 25,40: *“Em verdade vos digo: cada vez que o fizeste a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizeste”*. É a presença em nosso irmão, principalmente no necessitado, marginalizado, excluído.

Estes diversos *modos* de presença no Senhor, embora estreitamente conexos entre si, diferem *em sua íntima natureza*.

A presença pelos sacramentos em geral e pela palavra é uma presença mais *dinâmica, operativa*; a presença na comunidade que se reúne em nome de Jesus ou a presença no irmão, sobretudo necessitado, é mais *mística*; a presença sob as espécies eucarísticas é presença *física*. É, sem dúvida, a presença mais viva e profunda do Senhor entre os seus: é o Cordeiro de pé, como que imolado, de que nos fala o Apocalipse 5,6; o único digno de receber o livro e abrir seus selos e que continua a resgatar para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação, fazendo deles, para Deus, um reino de sacerdotes (cf. Ap 5,9-10).

Todas as presenças mencionadas encontram sua culminância quando os filhos de Deus juntos se reúnem, juntos louvam a Deus no meio da Igreja, juntos participam do sacrifício e comem a ceia do Senhor (cf. *“Sacrosanctum Concilium”*, 10).

A Eucaristia-Sacramento-Presença é *o Cristo conforto e alimento na nossa caminhada (viático) de comunhão, doação e solidariedade*. A Eucaristia-presença faz a ligação entre *o sacrifício e a partilha-comunhão e a própria missão*. A Eucaristia é sacrifício como presença do Cristo imolado. Ela só pode ser *partilha-comunhão* devido à presença de Jesus Cristo imolado. Quem se imola, só pode fazê-lo porque está presente; pode fazê-lo porque partilha, *partilha* a sua vida com os outros, partilha a sua vida com a humanidade e o universo todo: *“é o corpo dado por vós... é o sangue derramado por vós e por todos para a remissão dos pecados”*. Sendo partilha é ne-

cessariamente *comunhão*. Partilha e comunhão em primeiro lugar com Jesus Cristo imolado, sacrificado, aniquilado, obediente até a morte e morte de cruz. É a participação íntima no sacrifício de Jesus Cristo. É o completar o que falta à paixão de Cristo (cf. Cl 1,24). É a nossa vontade que partilha-comunga com Jesus, esforçando-se por se identificar com a vontade de Jesus: *"obediente até a morte e morte de Cruz"* (cf. Fl 2,8). Tomamos Jesus Eucarístico, recebemos Jesus Eucarístico para nos assimilarmos ao máximo com ele, para nos revestirmos ao máximo dos seus sentimentos (Fl 2,5), para sermos total imolação pela glória do Pai e a salvação das pessoas humanas e do próprio universo. Jesus é, pois, em primeiro lugar, alimento de nossa entrega total ao Pai e aos interesses do seu Reino. Só em segundo lugar Jesus Eucarístico é *presença e alimento* para a nossa vida eterna: *"Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna"* (Jo 6,54) – *"Este é o pão vivo descido do céu... quem come este pão viverá eternamente"* (Jo 6,58).

A presença do Cristo Eucarístico imolado é, além disso, indicação do nosso amor fraterno: como Jesus se deixa consumir pela glória do Pai e pelo nosso bem, devemos também nós deixar-nos consumir pela glória do Pai e pelo bem dos outros.

#### **2.4. Eucaristia: Sacramento – Missão**

A Igreja é *essencialmente* missionária. A missão brota da intimidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O Pai envia o Filho para ser a perfeição do Universo. O Universo todo deve receber o toque da

segunda Pessoa da Ssma. Trindade. Já São Paulo diz em Ef 1,4, que o Pai nos escolheu em Cristo *antes da fundação do mundo*. E para que nos escolheu? *"Para sermos santos e irrepreensíveis diante dele"*. Esta é a primeira grande missão: uma *escolha em Jesus Cristo antes que o mundo fosse* com uma missão precisa: *ser santos e irrepreensíveis*.

Ainda na Cl 1,15: *"Cristo a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criatura... tudo foi criado por ele e para ele"* (v. 16). Nada do que foi feito, foi feito sem Ele, tudo foi feito por meio dEle (Jo 1,3; Cl 1,15-17). A Eucaristia leva esse toque à perfeição.

O Pai e o Filho *enviam* o Espírito Santo para levar a complemento a Obra de Jesus Cristo.

Cristo, o *primeiro missionário*; com Cristo, o Espírito Santo o *segundo missionário*; e nós, o *terceiro missionário*: somos nós a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo da particular propriedade de Deus, para que? para proclamarmos as excelências daquele que nos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa (1 Pd 2,9). Na realidade, o envio de Jesus se prolonga na Eucaristia. Assim a missão de Jesus se *atualiza* santamente. Jesus continua sendo o mesmo, no qual todos devem ser salvos (Atos 4,12). Quem, pois, recebe a Eucaristia, necessariamente terá que se revestir dos mesmos sentimentos de Cristo Jesus (cf. Fl 2,5). Entre o comungante e Jesus deve haver identificação total. Caso contrário, que comunhão seria, que solidariedade? Comunhão e solidariedade significam união em tudo, união de sentimentos e afeto, união de pensamentos e vontade: *"Já não vivo eu, vive Cristo em mim"* (Gl 2,20). E o Espí-

rito Santo como entra aí na sua qualidade de *enviado* do Pai e do Filho, na sua qualidade de *missionário*? Ele entra por sua ação na *conversão* do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo que se torna presente no sacramento eucarístico. É a *epiclesse* pela qual a Igreja pede ao Pai que envie seu Espírito Santo sobre o pão e o vinho, para que se tornem o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo (cf. Preces Eucarísticas). A comunhão com Jesus e, por Jesus, pela ação do Espírito Santo, com os irmãos e irmãs, se torna *efetiva e solidária*: "*participando do Corpo e Sangue de Cristo sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo*" (Prece Euc. II). "*Alimentando-nos com o corpo e o sangue do vosso Filho, sejamos repletos do Espírito Santo e nos tornemos com Cristo um só corpo e um só Espírito*" (Prece Euc. III). "*Concedei... que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, nos tornemos*

*em Cristo um sacrifício vivo para o louvor de sua glória*" (Prece Euc. IV).

Ora quem nos *sustenta e assiste* em nossa missão? Jesus e o Espírito Santo. "*Sem mim nada podeis fazer*" (Jo 15,5). O Espírito Santo conduzir-nos-á à verdade total (cf. Jo 14,25 s.; Jo 16,7-14).

O Espírito Santo é a *alma da Igreja*; Jesus Cristo, na Eucaristia, é a força que consolida dia a dia o empenho e a dedicação da Igreja. A Igreja brota do corpo aberto de Cristo, e o Corpo de Cristo alimenta-se do Corpo de Cristo, edifica-se no Corpo de Cristo: "*porque um só pão, um só corpo somos os muitos, pois todos participamos de um só pão* (1Cr 10,17), o pão eucarístico. Cristo e Espírito Santo, em íntima união, fazem a Igreja atravessar as tempestades da vida: as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16,19).

### 3. EUCARISTIA – COMPROMISSO CRISTÃO

Estes diversos aspectos da Eucaristia: sacramento-sacrifício, sacramento-comunhão, sacramento-presença, sacramento-missão, lançam intensa luz sobre a *convivência dos cristãos no mundo de hoje, sobre o compromisso cristão* num mundo marcado pela desigualdade social, pelas divisões, incompreensões, por uma cultura que se denomina a si mesma *cultura da morte de Deus* (é preciso que Deus morra para que o homem viva!), *cultura da morte do homem* (morto Deus, o homem descobre por experiência que ele mesmo já não tem mais sentido), *cultura da morte de si mesmo* (se o homem não tem mais sentido, quem sabe "eu" terei sentido? Entre-

tanto, a humanidade muito rapidamente conclui que se Deus perdeu o sentido, se o homem sem Deus perdeu o sentido, qual é mesmo o sentido do "eu"? Também não tem sentido. É o caos).

A Eucaristia é, em sua essência a *presencialização permanente* de *Jesus Cristo Morto e Ressuscitado*, fonte de *vida nova, Homem Novo, fermento novo*. "*Cristo, nossa Páscoa, foi imolado*" (1Cr 5,7). É necessário celebrar a  *festa*, a festa da Páscoa, que é para nós concretamente a Eucaristia, não com fermento *velho*, nem com fermento *de malícia e perversidade*, mas com *pães ázimos, na pureza e na verdade* (cf. 1Cor 5,8). O homem *velho* corrompe-se ao sabor

das concupiscências enganosas; o homem *novo*, criado segundo Deus, vive na justiça e na santidade da verdade (Ef 4, 22-23).

É dentro de *condições, mecanismos, estruturas de morte* de nosso mundo contemporâneo provocadas pela falta do sentido de Deus, do sentido do pecado, falta do sentido último da vida e dos seus valores fundamentais, que a Eucaristia, celebrada e vivida pelos cristãos, deve ser vista como a maior força de *renovação* = de fazer novo – este nosso mundo. Dizia Pio XII, em fevereiro de 1946, aos Cardeais recém nomeados após a guerra de 1939-1945 que não havia meio mais poderoso para a reconstrução da Europa em escombros do que a celebração e vivência do sacrifício eucarístico. O que então valia da Europa, vale hoje do mundo inteiro. Nada mais poderoso para a reconstrução de nossa Pátria e do nosso mundo do que a Eucaristia bem celebrada e bem vivida. Diz o Papa João Paulo II na Encíclica "Redemptor Hominis", 20: "*o empenho essencial e, sobretudo, a graça visível e fonte da força sobrenatural da Igreja como Povo de Deus é o perseverar e o progredir constantemente na vida eucarística e na piedade eucarística, é o desenvolvimento espiritual no clima da Eucaristia*". E meditando o mistério eucarístico, o mesmo Papa João Paulo II reflete que o sacrifício eucarístico, no qual temos o preço elevado da nossa redenção: "*Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate.... pois sabeis que não foi com coisas perecíveis, isto é, com prata ou com ouro, que fostes resgatados da vida fútil que herdastes dos vossos pais, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeitos e sem mancha*" (1Cor

6,20; 1Pd 1,18-19), comprova o valor que Deus dá ao homem (cf. "Redemptor Hominis", 20).

A análise pastoral da realidade latino-americana nos é apresentada pelos nossos Bispos em duas ocasiões muito solenes, com o aval do Santo Padre, de Paulo VI a primeira vez, de João Paulo II a segunda vez. Deu-se esta análise na II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizado de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968 em Medellín (Colômbia) e na III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada em Puebla de los Angeles (México) de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979.

A análise pastoral da realidade *mundial* foi dada pelo atual Pontífice, João Paulo II, em ocasiões inúmeras, desde o seu importante Discurso proferido em Puebla na abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano dia 28 de janeiro de 1979 até a sua memorável Encíclica Social "*Sollicitudo Rei Socialis*" do dia 30 de dezembro de 1987.

Em todas estas análises torna-se evidente que a ótica da Igreja Católica em toda a avaliação e orientação não é o "*ter mais*" e sim "*o ser mais*". É esta a linha de pensamento que deve orientar a prática dos cristãos no mundo.

O que no campo das conseqüências práticas produz na cultura contemporânea as estruturas de morte (uma vez excluído Deus, excluído o valor do homem, excluído o sentido da vida e dos seus valores fundamentais) é o *afã consumístico*. É esta a nova filosofia de vida que dia a dia se torna mais envolvente e englobante. O consumismo está intimamente ligado ao progresso *quantita-*

tivo, onde são lei *absoluta* o *lucro*, a *produção*, o crescimento *material* através de uma industrialização *técnicamente sempre mais sofisticada*, sem tomar em consideração as exigências do homem e do Universo.

Para poder *competir* (outra lei tida como *absoluta*, sem a mínima atenção *ética*), exige-se o máximo de consumo. Para o máximo de consumo, o máximo de dinheiro, de bens, para conseguir o máximo de *poder* aquisitivo e de mando.

O consumismo é uma filosofia de vida que coloca o homem numa espiral que o vai *despersonalizando*, tornando-o vítima do *puramente* material. É, portanto, uma filosofia *materialista* de vida que *materializa* o homem à medida que os dias passam. O homem começa a viver em função das *coisas* e já não mais as coisas em função do homem. Há uma disfunção total dentro da sociedade.

A humanidade está seriamente ameaçada por este torvelinho consumístico. Diversos problemas que hoje se levantam, têm muitas vezes a sua razão última neste espírito consumista. É assim com o problema da regulação da natalidade ou planejamento familiar com os métodos esterilizantes ou abortivos; é assim a discussão sobre as armas nucleares; é assim com as próprias guerras e guerrilhas locais e localizadas. O objetivo não é outro do que sustentar um teor de vida que está levando a humanidade de modo muito rápido à morte, à auto-destruição, como adverte o Papa João Paulo II.

O que se processa, hoje, na política e economia internacional, acontece também na política e economia nacional, regional e mesmo local: *concentrar o máximo de riqueza nas suas mãos*: é o "*ricos cada vez mais ricos à custa dos po-*

*bres cada vez mais pobres*" (João Paulo II, Discurso de abertura em Puebla, 28 de janeiro de 1979). Não é apenas um problema de economia ou de distribuição de renda bem feita dentro da ciência econômica; é um problema profundamente *ético* também, e sobretudo *ético*. Cada qual está preocupado em construir *a sua segurança* (tanto se fala em segurança nacional e internacional. Até se criou a ideologia ou doutrina da segurança nacional !), concentrando o maior volume de riqueza possível nas próprias mãos. *O imperialismo* atual é inspirado por este frenesi consumístico que devora, atualmente, a humanidade. É uma nova forma de colonialismo para garantir o próprio reino, a própria hegemonia e o próprio gozo da vida. É, por conseguinte, uma mentalidade tremendamente *egoísta*, *anti-fraterna*, *anti-evangélica*, *anti-eucarística*, sem o mínimo respeito para com a vida do outro. É a *verdadeira lei da selva* imperando na convivência dos homens entre si e da convivência dos homens com o Universo.

Por isso, o clamor dos Bispos Latino-americanos em Puebla por uma vida simples, sóbria e austera. Por isso, a *profética opção preferencial e solidária pelos pobres* (Puebla 1134-1165). Está aí o *antídoto evangélico* ao vírus anti-evangélico que está corroendo as mais íntimas fibras da humanidade em nossos dias.

A questão não é capitalismo nem socialismo marxista. Tanto um como o outro estão dentro da mesma espiral consumística. Ambos tem a mesma filosofia do "ter mais". A questão é, hoje, colocada em termos *de vida e de morte*. É questão de ser e de ser mais e não questão de ter e ter mais, embora o ser e o ter se relacionem em nossa existência, tendo porém o ser a primazia sobre o ter.

De tudo isto nasce a necessidade sentida de uma *nova sociedade*, de uma *nova ordem internacional*, fundada sobre o amor, a justiça, a liberdade, a verdade, uma nova ordem internacional não fun-

dada na concentração ou acumulação de bens, mas fundada na distribuição equitativa dos bens. O "ter" faz-se necessário para um "ser" humano individual e social digno, mas um "ter equitativo".

## CONCLUSÃO

A Eucaristia é o Filho de Deus, é o Deus-Homem, Morto e Ressuscitado, o Verbo Eterno por meio do qual tudo foi feito e sem o qual nada foi feito de tudo o que existe, repleto de vida, vida que é luz dos homens, e que se fez carne e colocou a sua tenda entre nós, cheio de graça e de verdade (cf. Jo 1,3-4.14). Este mesmo Verbo Eterno que, na plenitude dos tempos nasceu de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial (Gl 4,4-5), continua a ser esta plenificação do Universo, silenciosamente, no mistério eucarístico. A transubstanciação do pão e do vinho que se realizam no momento da consagração manifestam *este poder criador, vivificante, esta novidade total* que a Eucaristia realiza no seio do Universo.

O pão e o vinho, elementos materiais, bens de consumo diário para a pessoa humana manter a vida, são por nós oferecidos ao Pai para que Ele, pela ação do Espírito de Cristo, *os transforme* no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo Salvador, Redentor, Libertador. É assim que estes elementos comuns da nossa vida se tornam elementos maravilhosos *de vida eterna para todos os irmãos*, sinais da renovação e libertação do Universo inteiro.

Na apresentação das ofertas, o pão e o vinho são separados para servirem de *sinal*. Depois de transformados, eles

são, *igualmente*, distribuídos a todos, a fim de que todos possam ter vida e tê-la em abundância (Jo 10,10). Também aqui o pão e o vinho transformados no Corpo e no Sangue de Jesus e distribuídos igualmente a todos que, levados pelo amor de Deus e do próximo, inspirados na justiça do Senhor, se aproximam *dignamente*, tornam-se *símbolos, sinais* de todos os bens de consumo, espalhados pela bondade do Senhor Deus Criador pelo Universo Criado, que devem ser colocados à disposição de todos segundo as suas necessidades, dentro do espírito de Jesus, para que todos, *solidariamente*, possam usufruir vida humana e cristã condigna (cf. João Paulo II, "*Sollicitudo Rei Socialis*", 48).

Vivendo a Eucaristia neste espírito de compromisso, conseguir-se-á que o Continente que se diz católico de nome seja católico de fato. É necessário que o amor de Deus se torne comunhão de amor para com os outros e participação fraterna, revestido da justiça para com os oprimidos, num esforço incansável de libertação para quem mais precisa. Esta atitude não permanecerá no plano puramente contemplativo; far-se-á sentir no plano bem concreto das realidades temporais, de maneira tal que o domínio, o uso, a transformação dos bens da terra, dos bens da cultura, da ciência e da técnica

se realizem em um domínio justo e fraterno do homem sobre o mundo, não esquecendo as exigências da ecologia. É impossível amar de verdade o irmão nem, portanto, a Deus se não nos comprometermos em nível pessoal e estrutural com o serviço e a promoção dos grupos humanos e dos estratos sociais mais pobres e humilhados, arcando com todas as conseqüências que se seguem no plano destas realidades temporais (cf. Puebla 28, 327). É o que nos lembra São João em sua Primeira Carta: *"Nisto conhecemos o Amor: que ele deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar as nossas vidas pelos irmãos. Se*

*alguém, possuindo os bens deste mundo, vê o seu irmão na necessidade e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavras nem de língua, mas por ações e em verdade"* (1Jo 3,16-18).

Aí está tudo! Não amemos de palavras nem de língua, mas por ações e em verdade. A Eucaristia, na construção da civilização do amor, só será fonte de vida nova, dentro da estrutura de morte em que estamos imersos, se todos, comprometidos, soubermos amar por ações e em verdade, praticando a justiça e a solidariedade. É esta a nossa missão cristã que brota da Eucaristia.

#### QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O que significa a Eucaristia para a sua vida consagrada?
2. Ajuda a Eucaristia no cumprimento de sua missão de consagrada? Como?
3. Que aspectos da Eucaristia você mais ressaltaria, tendo em vista a atual situação do Mundo?
4. De que maneira um renovado amor e fervor pela Eucaristia poderiam despertar novas e boas vocações consagradas?

 Cardeal D. Aloísio Lorscheider. Arcebispo de Aparecida - SP;  
Teólogo.

Endereço:

Rua Barão do Rio Branco, 412

12570-000 - Aparecida - SP

# Biotecnologia: Enfim o admirável Mundo Novo?

FREI ANTÔNIO MOSER

**Introdução:** A humanidade sempre acalentou dois sonhos conjugados: novos seres humanos, num mundo também novo. Prova disso são os mitos "messiânicos" existentes em quase todas as culturas, e sempre com a promessa de dias melhores. As esperanças se reacendem a cada nova descoberta, e sobretudo a cada "revolução", seja ela de caráter científico, seja de caráter social. Os mitos do "progresso" e das "descobertas" se revestem sempre de uma mística quase religiosa, ainda que, porventura, se proclamem "leigos": lá no fundo alimentam a ilusão de uma espécie de "Terra sem Males". Assim, embora não sendo de hoje, estas expectativas nunca pareceram tão próximas de se concretizar quanto nestes últimos anos. "O Admirável Mundo Novo", descrito por Aldous Huxley na década de 30, passa a apresentar contornos sempre mais nítidos.

E de fato, a incrível combinação de ciências e tecnologias nos dá a sensação de que já não estamos "aportando" nas tranqüilas águas de Porto Seguro, nem pousando suavemente em algum planeta distante, por mais emocionantes que tenham sido aqueles eventos. Estamos, isso

sim, "mergulhando" nas entranhas do último continente desconhecido, ao que tudo indica, mais maravilhoso e mais surpreendente do que todos os outros. O suporte já não é mais o das Caravelas, ou das astronaves, mas o de sofisticadíssimos processos biotecnológicos, conjugando o que há de mais avançado em termos de ciências biomédicas, tecnologia, informática, robótica, etc. Os habitantes que se avistam no horizonte já não são nem "selvagens" espantados, nem eventuais seres extraterrestres, naturalmente com fisionomias horríveis, mas uma nova espécie de deuses: super-homens e supermulheres, perfeitos sob todos os aspectos, dotados de capacidades físicas e intelectuais anteriormente só atribuídas a seres celestes.

Diante das inegáveis conquistas, mas sobretudo diante do clima de euforia quase irracional que elas estão despertando, qual seria nossa missão como religiosos e religiosas? Deixarmo-nos levar pela onda de entusiasmos? Fixarmo-nos mentalmente no mundo de nossos antepassados, amargando a derrota de velhos princípios que sacravizavam a natureza? Buscar uma espécie de sinergia entre engenhos tec-

nológicos e meios convencionais para o aprimoramento do ser humano? A busca de resposta a estas e a muitas outras questões nos convidam a darmos ao menos três passos. O primeiro será para oferecer uma pálida idéia do que está ocorrendo; o segundo, para contextualizar as novas conquistas; o terceiro, para tentar colocar-nos com maturidade crítica diante das conquistas já feitas e de muitas outras previsíveis num curto espaço de tempo.

De antemão queremos deixar clara a única impossibilidade nestes tempos

em que quase nada mais é impossível: abordar devidamente um assunto tão vasto e tão complexo em uma dezena de laudas. Esta temeridade só se justifica como prelúdio de uma obra que está em gestação, relativamente longa, na proveta do meu computador; e justifica-se ainda pelo desejo de oferecer uns primeiros elementos de reflexão sobre um dos maiores desafios que a humanidade já enfrentou: o de não desumanizar-se ainda mais através de suas maravilhosas descobertas e seus maravilhosos inventos.

## 1. A BIOTECNOLOGIA: DA FICÇÃO À CIÊNCIA FICÇÃO

Quando, em 1971, o norte-americano POTTER lançou o livro "Bioética: uma ponte para o futuro"<sup>1</sup>, ele não apenas estava abrindo caminho para uma nova ciência, como estava conclamando os cientistas e especialistas de Ética a tomarem consciência de uma realidade de fato nova. No horizonte imediato encontravam-se os rápidos avanços das ciências biológicas e médicas. Desde a descoberta da estrutura básica do DNA, efetuada por Watson e Crick, em 1953, a biotecnologia não mais deixou os cientistas dormirem em paz. Num misto de deslumbramento e de temor, o mundo científico, ao mesmo tempo em que fazia

novas descobertas num ritmo estonteante, passava quase que de imediato a operacionalizá-las. E aqui está a diferença em relação a outras descobertas, de outras eras: a passagem quase imediata da teoria para a prática. O recentíssimo Projeto Genoma, anunciado em 1986, oficialmente lançado em 1990 e parcialmente concluído em meados de fevereiro do corrente ano de 2001, é apenas uma espécie de ponta de iceberg de uma febril atividade desenvolvida em milhares de laboratórios espalhados pelo mundo afora<sup>2</sup>. Os avanços da biotecnologia fizeram perceber que já não bastava cultivar um "instinto de sobrevivência", mas era

1. Cf. POTTER, V.R. **Bioetics: Bridge to the Future**, Prentice Hall, Biological science series, Englewood cliffs, New Jersey, 1971.
2. Para acompanhar a evolução das pesquisas e posicionar-se eticamente, Cf. LEPARGNEUR, H., "Bioética e modos excepcionais de fecundação", *Atualização*, 1982, 421-440; Biomedicina da reprodução e bioética, *REB*, 47(1987), 270-298; Dez anos de decifragem do Genoma Humano, *REB* 1996, 62-84; Bioética: Projeto genoma, engenharia genética e patenteamento de genes, *REB* 1997, 314-343.

preciso criar uma verdadeira “ciência da sobrevivência”.<sup>3</sup>

Este momento histórico foi precedido por dois outros megaprojetos. O primeiro foi o denominado Projeto Mahatan que, a partir dos anos 40, desenvolveu a energia atômica. O segundo foi o Projeto Apollo, que levou o ser humano até a lua, em 1969 e permitiu outras viagens interessantes. O Projeto Genoma, com a verba inicial de 3 bilhões de dólares, 250 pesquisadores, em seis países, é sustentado por um conglomerado de 16 instituições estatais. Sua tarefa: balizar, colocar em seqüência, soletrar e decodificar o DNA<sup>4</sup>. O que já se sabia há muito era que o genoma humano é formado por 23 pares de cromossomos; desses, 22 pares são numerados numa ordem seqüencial de tamanho. O par restante é o sexual: dois grandes cromossomos X para a mulher e um X e um pequeno y para o homem; o corpo humano tem aproximadamente 100 trilhões de células; dentro de cada célula há uma esferazinha escura chamada núcleo; dentro desse núcleo há dois conjuntos completos do genoma humano. Mas agora tratava-se de dar um decisivo passo adiante: já não pesquisar nem células, nem cromossomos, nem genes, mas o DNA, com as bases dos genes. Organizar e fazer a leitura de todo este material, para descobrir as funções específicas não só dos genes, mas das bases, eis o grande desafio, para avançar em termos curativos e prospectivos.

O DNA apresenta 6 bilhões de bases (3+3) e 4 letras do alfabeto: A (denina) T (imina) C (itocina) G(uanina). O projeto, comandado por Francis Collins, avançava veloz e solitário nos “abismos” do último reduto biológico do ser humano. Já quase na reta final, eis que o Projeto Genoma é surpreendido por outro, quase idêntico, só que financiado por instituições particulares. Tratava-se do **Celera Genomics**, comandado por Craig Venter, uma espécie de “Bill Gates” da biotecnologia, e envolvendo 282 pesquisadores. Estes dois projetos, ao mesmo tempo que vieram completar o final previsível de um processo há muito sonhado e planejado até às minúcias, já oferecem, de saída, uma preciosa pista para nossa avaliação: os dois projetos, verdadeiros “bebês de proveta”, nasceram prematuros e em meio a uma verdadeira guerra para ver quem soltaria o primeiro grito. Os dois megaprojetos falam inglês, só que um com sotaque americano e outro com o melodioso inglês da Inglaterra: as revistas **Science** e **Nature** lembram as duas mães da estória de Salomão. De qualquer forma, não há dúvidas: encontramos diante de uma autêntica “revolução biológica” e de uma autêntica “fogueira de vaidades”, cultivada já há alguns anos<sup>5</sup>. Aparentemente, ao menos, tudo pelo bem-estar da humanidade.

Como se percebe, com a biotecnologia o domínio do ser humano sobre si mesmo já atinge às raias da ciência ficção.

3. Cf. E. SGRECCIA, **Manuale di Bioetica, I, Fondamenti ed Etica Biomedica**, Vita e Pensiero, Milano, 1988, 30.
4. Cf. Para se ter uma boa visão do que pretende o referido projeto e suas implicações, LEPARGNEUR, H., *Dez anos*, *op. cit.*, sobretudo 63s.
5. Sobre o espírito de competição, Cf. LEPARGNEUR, H., *Dez anos de decifragem do Genoma Humano*, *op. cit.*, 70s.

Hoje é difícil estabelecer o que é ficção e o que é ciência. Estamos no caminho da "pós-humanidade", para usar uma expressão de Overhage<sup>6</sup>, há mais de 30 anos atrás, ou então, como sugeria outro cientista: "Vamos brincar de deuses?". Muitas previsões passaram a ser verdadeiras programações, como eram as programações da Nasa, a partir dos anos 60. E muitas programações já foram superadas pelos fatos. A cibernética, estrela do século 20, foi apenas uma escada no salto para o futuro. A segunda metade do século XX e o começo do século XXI serão conhecidas como a era da biotecnologia: com o mapeamento do DNA, inaugura-se verdadeiramente a era do mundo novo. No reino vegetal e animal (se é que ainda se pode falar nestes termos, uma vez que os "reinos" se confundem), os transgênicos fazem parte do cotidiano; a clonagem da ovelha Dolly foi apenas uma amostra mais clara do que está ocorrendo e do que pode ocorrer: mil combinações, capazes de alterar tudo o que até hoje se conhecia como pertencente a esta ou àquela "natureza". No campo humano, o grande problema, naturalmente só para os ricos e poderosos, já está sendo, e o será ainda mais, o de poder morrer; em breve, a cura da aids e do câncer já não constituirão nenhum problema; os pais determinam, até às

minúcias, o tipo de filho que querem; monta-se uma fábrica de órgãos de reposição de cada uma das peças do corpo humano; não só adolescentes, mas até virgens e avós "concebem"; duas mulheres lésbicas podem ser "pai" e "mãe", sem necessidade de espermatozóide; ser mãe de aluguel é uma "profissão"; os teste de "paternidade" se tornam corriqueiros; o ex Presidente Clinton sofreu as conseqüências da facilidade com a qual se identifica a origem de resquícios de esperma; combinação de células, através de um processo denominado de citoplasma, fazem com que numa só pessoa haja DNA de três; e assim por diante.

Depois de haver dominado a matéria (átomo), o universo (cosmos), o ser humano parte agora decisivamente para o domínio de si próprio (genes), com o risco de se perder a si próprio, ou então com a chance de se reencontrar mais profundamente. É compreensível que o homem moderno sinta ao mesmo tempo fascínio por possibilidades insuspeitadas de progresso e libertação, juntamente com o medo diante de interrogações dramáticas: medo de ser transformado em mero robot. Se é verdade que nem tudo é exequível ainda, é também verdade que o futuro da auto-manipulação do ser humano já começou.

## 2. CONTEXTUALIZANDO

Uma coisa parece sempre mais certa: ao contrário do que muitos pensam, nenhuma descoberta se dá por acaso. Ela

é sempre fruto de um processo de maturação, ainda que as conexões dos fatos nem sempre sejam visíveis à primeira vis-

6. Cf. OWEHAGE, P., *Experimento-Humano*, 5 volumes, Vozes, Petrópolis 1970-1971.

7. AUGENSTREIN, L., *Come, let us play God*, revista *Time*, 19 de abril de 1971, 38.

ta. Assim, já há muito se conhece o maravilhoso processo que vai se desdobrando desde a fecundação até ao nascimento. Ademais, desde Mendel, em 1866, são conhecidas as leis da hereditariedade. Em 1882 Walter Fleming descobre "fios finíssimos" no núcleo celular das larvas: são os cromossomos; em 1910 Thomas Morgan demonstra que certos traços genéticos são ligados ao sexo e residem nos cromossomos (das moscas).

Contudo, entre o conhecer os mecanismos e o poder intervir sobre eles, vai uma grande distância. O sonho de interferir nos mecanismos genéticos foi garantido por outras descobertas, ocorridas nos últimos decênios ou anos<sup>8</sup>: a reprodução, em laboratório, de uma macro-molécula (vírus de tabaco); a determinação correta do número de cromossomos na espécie humana; o isolamento de uma enzima capaz de repetir as informações contidas no DNA; a descoberta da estrutura físico-química da substância que contém o código genético; a decifração da estrutura completa de um ácido nucléico; a montagem de uma célula viva (ameba); a criação de uma ciência para encurtar os caminhos da "engenharia genética" (eufenética). Tudo isso deu às "possibilidades", cunho de realidade.

Foi assim que, em 1973 Stanley Cohen e Annie Chang inserem o gene de um peixe africano no DNA de uma bactéria: é o início da engenharia genética; 1975 um grupo de cientistas estabelece as linhas básicas para esta engenharia; 1978 cientistas clonam o gene para a in-

sulina humana que será comercializado quatro anos depois; 1980 Martin Cline cria um trato transgênico, transferindo genes de um animal para outro e faz a primeira correção genética, no reino animal; 1984 Alec Jeffreys desenvolve as marcas genéticas para identificar indivíduos; 1992 cientistas descobrem uma técnica para testes com embriões in vitro, para detectar doenças genéticas como hemofilia e fibrose cística; 1993 pesquisadores americanos clonam um embrião humano e fazem com que ele se desenvolva por vários dias, provocando protestos éticos; 1995 cientistas transplantam corações de porcos geneticamente modificados para macacos babinos; 1997 clonagem da ovelha Dolly; 1998 se dá o primeiro passo para a fábrica de órgãos. Cientistas japoneses clonam 8 bezerros partindo de uma célula de vaca; os coreanos clonam um embrião humano. E nestes últimos anos, as descobertas se sucedem com crescente rapidez, ao mesmo tempo que se multiplicam laboratórios especializados na clonagem humana.

Estas descobertas e estas datas tem atrás de si um duplo sonho, sempre de novo alimentado: o de colocar ordem no código genético e o de melhorar a condição humana. É por isso que se diz que a biotecnologia apresenta uma dupla dimensão: uma corretiva e outra perspectiva. Tanto num caso quanto no outro só entenderemos os projetos Genoma e Celera dentro do contexto amplo do que se denomina (com impropriedade) de "reprodução" humana assistida. Para melhor

8. Para os dados mais antigos que seguem, Cf. GARBELLI, G.B., Manipolazione e ricerca biologica, in *Dizionario Enciclopedico di Teologia Morale*, Pauline, Roma 1976, 600-608. Os dados mais recentes foram coletados de vários outros autores e inclusive de reportagens saídas em vários meios de comunicação nestes últimos anos.

perceber estas conexões iremos, em primeiro lugar, acenar para as anomalias de cunho genético, e depois para os métodos já em uso para a reprodução assistida<sup>9</sup>.

## 2.1. O sonho de corrigir as anomalias genéticas

O número de anomalias de cunho hereditário e genético não é totalmente conhecido. Em todo caso, é altíssimo, ao ponto de se poder falar de uma espécie de “caos” no código genético. Segundo o OMS seriam da ordem de 4.000 as doenças de cunho genético conhecidas. Cerca de 15% dos recém-nascidos seriam portadores de distúrbios hereditários de maior ou menor gravidade; 40% das mortes infantis não traumáticas seriam por razões genéticas. As desordens genéticas já estão classificadas: existem as provocadas pelo número e pela estrutura imperfeita dos cromossomos (mongolismo meio cromossomo a mais); existem moléstias causadas por um só gene (hemofilia); muitas são provocadas pela interação de vários genes; existem doenças originadas pela incompatibilidade materno-infantil (fenómeno RH)<sup>10</sup>.

Paradoxalmente, o problema das doenças de cunho genético vai se agravando na medida em que a Medicina convencional avança. Antes um grande número de pessoas portadoras de doenças de fundo genético eram simplesmente eliminadas pela seleção natural. Hoje, sobrevivem, se reproduzem... E o aparecimento de doenças genéticas é facilitado pelo casamento, ou relação sexual, entre consanguíneos, na proporção exata da proximidade. Como também, a partir dos 35 anos a mulher poderá, mais facilmente, legar genes recessivos negativos...

Claro que já existem terapias genéticas mais ou menos convencionais, na base de dietas que retiram ou acrescentam algum elemento que esteja sobrando ou faltando. Existe uma possibilidade de prevenção imunológica, ou administração de enzimas para evitar certas doenças conhecidas. Mas nem sempre estas terapias são possíveis. E de qualquer forma, na medida em que se chega à raiz mesma do problema, se tem como atuar de maneira mais profunda e mais decisiva. É aqui que se fundamentam as esperanças de se poder contar com uma “me-

9. Para informações técnicas sobre todos estes procedimentos que seguem, pode ser consultado um “clássico” como MARCIANO VIDAL, na sua conhecida obra *Moral de Atitudes*, ( II ). *Ética da Pessoa*, 3ª Ed., Santuário 1981, 176-468. Como em outros tratados, o Autor apresenta um vasto panorama da problemática, com os mais diversos enfoques técnicos e éticos.
10. Algumas anomalias são relativamente frequentes e bem conhecidas: síndrome de Klinefelter; síndrome de Turner; síndrome de Caim. Na síndrome de Klinefelter, em vez de 2 XX ou XY a pessoa apresenta dois XX e mais 1 y (XXY). A pessoa apresenta características femininas e masculinas ao mesmo tempo. Na síndrome de Turner a pessoa é portadora de um X isolado. Estas pessoas apresentam um aspecto geral feminino, mas com infantilismo genital marcante. A síndrome de Caim, caracterizada por XYY, ou seja, por um Y em excesso, se torna causa de impulsos agressivos incontroláveis. Ademais, como ficou demonstrado agora com o Projeto Genoma, se as bases dos genes são formadas por letras, no “livro genético” costumam ocorrer erros, como quando se está datilografando um texto.

dicina personalizada" e mais específica. Em sua maior parte os medicamentos atuais são verdadeiramente "genéricos", com múltiplas funções, e sobretudo, com muitas contra indicações. A partir da biotecnologia pode-se prever uma verdadeira revolução também em termos de medicamentos, "personalizados".

## 2.2. O sonho de construir um novo ser humano (prospectiva).

Tanto de um ponto de vista técnico, quanto de um ponto de vista ético, os problemas seriam bem menores se a "engenharia genética" se destinasse apenas à terapia. Como diz João Paulo II, "uma intervenção estritamente terapêutica que se proponha como objetivo a cura de diversas doenças, como as que se dão a defeitos cromossômicos, como regra geral deve ser considerada desejável, suposto que tenda a realizar a verdadeira promoção do bem-estar pessoal do indivíduo, sem prejudicar a sua integridade ou deteriorar as suas condições de vida. Uma tal intervenção, de fato, insere-se na lógica da tradição moral cristã"<sup>11</sup>. Mas na prática é difícil distinguir os dois aspectos: corretivo e prospectivo. Como no caso da energia atômica, assim também na engenharia genética os dois aspectos andam juntos. Ademais, é difícil distinguir a engenharia propriamente genética e engenharia embrionária. O que apresentamos a seguir visa mais o aspecto prospectivo, mas não só. Aqui aparecem quatro grandes tentativas de construir um novo ser humano: a inseminação artificial; a fecundação artificial; a partenogênese; a clonagem.

### 2.2.1. A inseminação artificial

Se apresenta como a primeira tentativa de melhorar o ser humano através do laboratório. A inseminação artificial pode ser definida como busca da fecundação mediante a introdução do sêmen masculino no útero feminino, através de um processo artificial, e não do ato sexual. Ou então se dá pelo Gift: transferência do óvulo e do espermatozóide para as trompas, onde se dá a fecundação. Já não faz mais parte da ciência-ficção. Os primeiros seres humanos gerados por este processo hoje já são adultos. Mais concretamente, em 1978 nasceu na Inglaterra Louise Brown. Nem mesmo no Brasil isto é novidade: o ginecologista Milton Nakamura começou a exercer sua "paternidade" pela inseminação artificial desde 1984, quando, no Hospital Santa Catarina, em São Paulo, fez nascer Anna Paula Cordeiro. Quando Nakamura morreu há dois anos atrás, mantinha um corpo clínico de 25 pessoas e um fichário de 15 mil clientes. Outro médico paulista bem conhecido por sua clínica nesta área é Roger Abdelmassih, que fecunda 35 mulheres por mês, e já ajudou cerca de 2.400 bebês de proveta a nascerem

De um ponto de vista técnico se aduzem várias razões para recorrer a este processo. A primeira é o grave problema da esterilidade, que atinge 20% de uma população. Outra razão avançada é de fundo eugenético: a seleção dos espermatozoides, sejam homólogos (do marido ou companheiro) ou heterólogos (de outro doador qualquer), além de evitar muitas anomalias, ofereceria chances enormes de aprimoramento do ser humano. Con-

11. AAS 76 (1984) 392.

vêm notar que a inseminação homóloga vem denominada de fecundação assistida. A inseminação heteróloga pressupõe homens mais prendados e dispostos a contribuir para a construção de “bancos de sêmen”. Com os bancos de sêmen um homem poderia gerar filhos daqui a 100, 200, 500 anos. Os casais podem escolher muitos detalhes físicos para seus filhos. Podem igualmente escolher se desejam menino ou menina. Existem também bancos de óvulos, para estes serem usados na fecundação de mulheres que já se encontram na menopausa ou não têm ovulação, por outra razão qualquer.

Mas a inseminação artificial heteróloga, além de objeções insuperáveis de ordem ética, apresenta também vários problemas, de ordem técnica, biológica, jurídica, psicológica. Do ponto de vista técnico, a dificuldade maior consiste em introduzir o sêmen no exato momento em que o útero está preparado pelo amadurecimento do óvulo. A chance de gravidez é de 20% apenas. Além disto o processo é caro: entre 4 e 6 mil dólares. Outro problema que se coloca diz respeito ao número de óvulos fecundados e o que fazer com os embriões restantes. Naturalmente não podem ser considerados simplesmente como “material biológico...” Os biólogos chamam a atenção para os perigos decorrente de um pai de centenas de crianças espalhadas em lugares diferentes, e que mais tarde poderiam encontrar-se pelo casamento, ocasionando prováveis anomalias provindas da consangüinidade. Do ponto de vista jurídico apresentam-se várias interrogações: quantos descendentes um doador poderia ter? Quem vai escolher os doadores? Quem controla os bancos de sêmen? Tam-

bém não se pode esquecer o aspecto psicológico: embora num momento de desespero ou entusiasmo o marido pudesse concordar com a inseminação heteróloga, como iria reagir à distância, diante de um filho que não é totalmente seu? E como estão reagindo as crianças nascidas nestes processos heterólogos?

### 2.2.2. A Fecundação artificial

Por vezes vem confundida com a simples inseminação. Só que, enquanto na inseminação a fecundação ocorre no útero materno, aqui ela é extra-corópnea. Por isto é também denominada de FIVET (Fecundação in vitro e transferência de embrião): os óvulos são aspirados, fecundados em proveta, e o embrião é (ou não) transferido para o útero, da mãe ou de outra mulher qualquer (útero de aluguel). No caso de pouca produção ou debilidade dos espermatozóides, faz-se uma pequena abertura no óvulo retirado e ali se introduz o espermatozóide. A transferência para a trompa é idêntica à do Gift.

De um ponto de vista técnico, as vantagens da fecundação artificial são evidentes: têm-se tanto os óvulos quanto os espermatozóides sob controle total de qualidade. Além disto, no caso da FIVET o zigoto, ou mesmo o embrião, está a descoberto para todo tipo de observações e experiências, e mesmo para eventuais corretivos. Mas todo este processo é mais difícil. Se a fecundação visa a implantação no útero, aparecem as mesmas dificuldades encontradas para a inseminação: acertar o momento exato em que o útero está pronto para acolher o óvulo fecundado. Caso a fecundação se destine à observação científica, ou a se desenvolver totalmente na proveta (este seria o autêntico bebê de

proveta), então a questão é mantê-lo em vida, pois as incubadeiras normalmente só substituem o útero materno após alguns meses de fecundação.

Além dos impasses éticos, existem outros de toda ordem, sobretudo psicológicos: quais seriam os sentimentos de uma pessoa “nascida” no laboratório, ou no útero de aluguel? Seria capaz de amar? O calor do seio materno é vital para o desenvolvimento humano de uma pessoa... De qualquer forma, todos estes processos acima enunciados também já não constituem novidade.

### 2.2.3. A partogênese

Se os processos acima já são correntes, a partenogênese ainda se apresenta como uma possibilidade real, mas não comprovadamente efetuada com seres humanos. Trata-se da ativação do óvulo sem o concurso do espermatozóide. Daí o nome: bebê sem pai. Esta ativação pode ser espontânea. Aqui, na engenharia genética, ela seria efetuada por correntes térmicas ou elétricas. Entre 1936 e 1939 Pincus, o pai da pílula anticoncepcional, teria conseguido sucesso completo com uma coelha. Até a duplicação inexplicável dos cromossomos. O nascimento teria sido absolutamente normal. A aplicação no mundo animal não causa problemas. Os problemas se colocam no nível do humano. Mesmo do ponto de vista técnico, estamos diante de um inegável empobrecimento genético: não há o concurso do elemento masculino. Ademais, na parte-nogênese sempre teríamos um ser feminino. Além

do fato de uma mulher poder ser mãe-  
virgem, sem o ato sexual, e sem o concurso masculino, é difícil de se apontar para outras “vantagens”.

### 2.2.4. A clonagem

Se apresentava, até o final do ano passado, como a “experiência do século”; agora deverá ser apresentada como “a experiência dos inícios do novo milênio”. Ou seja, é algo de simplesmente incrível. No reino animal é conhecida, como teoricamente, desde os anos 50. A clonagem natural é a que se encontra no caso dos gêmeos univitelinos, originários de um único óvulo. O que é mais recente é a clonagem artificial<sup>12</sup>. O processo teórico é simples e o resultado previsto já é conhecido. Trata-se de extrair o núcleo de um óvulo não fecundado, e substituir o núcleo por uma célula somática qualquer. Tanto pode ser célula feminina, quanto masculina. O que impressiona é o resultado: o ser gerado neste processo seria uma cópia absolutamente fiel do doador do núcleo. Com isto, se poderia construir uma sociedade ou só de homens ou só de mulheres. As discussões são acesas. Seria um passo gigantesco, um salto, uma verdadeira “manipulação genética” que iria abalar todos os conhecimentos sobre a reprodução humana.

Até há pouco ninguém tinha certeza se a clonagem em laboratório já era uma realidade no que se refere ao ser humano. David Rorvik, num livro escrito em 1978, sustentava ter conseguido êxito completo. O livro levava o significativo nome “In his Image. The Cloning of

12. Sobre aspectos técnicos e éticos da clonagem, Cf. BRIGHENTI, A., Engenharia genética e clonagem. Algumas implicações éticas, **REB**, junho 1997, 379-386.

a Man”: à Sua imagem – a criação artificial do ser humano<sup>13</sup>. Num congresso internacional, realizado naquele ano, o tema do livro não foi levado muito a sério: seria mais fantasia do que realidade. Hoje, sobretudo depois das experiências de pesquisadores da George Washington Uni-

versity, já em 1993, depois da clonagem da ovelha Dolly e dos macacos Neti e Ditto, se a clonagem humana ainda não correu, mais dias, menos dias ela vai ser uma realidade, apesar de todas as interrogações e condenações éticas que isto coloca.

### 3. POSICIONANDO-SE CRÍTICA E CRISTÃMENTE

Diante de tudo isso que vimos acima, e diante de uma realidade muito mais complexa do que esta que pudemos apresentar, é compreensível que num primeiro momento, tantos especialistas das biomédicas, quanto da Ética, fiquem simplesmente “pasmos”. A palavra que melhor traduz as primeiras reações é certamente “perplexidade”. Mas, sobretudo a partir do livro de Potter, e na medida em que as teorias iam se transformando em prática, multiplicavam-se os estudos, revistas especializadas e centros de Bioética, fazendo emergir as primeiras coordenadas<sup>14</sup>. Também no Brasil foram aparecendo alguns livros<sup>15</sup> e artigos interessantes, vários deles acentuando um tipo de leitura crítica dos fatos, a partir de uma

perspectiva dos pobres<sup>16</sup>. Para oferecer alguns subsídios na linha de um posicionamento crítico e cristão, procederemos da seguinte maneira: recordaremos, rapidamente, alguns pontos acentuados pela Congregação da Doutrina da fé; recolheremos, também rapidamente, alguns aspectos que normalmente aparecem nos estudos teológicos. Tanto no primeiro como no segundo caso, pressupomos que os leitores conheçam o assunto: trata-se só de um lembrete. Depois disto daremos um pouco mais de atenção à auto-crítica dos próprios cientistas, pois, nesta postura dos cientistas aparece algo de animador: ao contrário do que pode parecer, ainda existe um forte senso ético entre eles.

13. Cf. do mesmo autor, como que preanunciando o que poderia ocorrer, *Admirável bebê novo. Promessas e perigos da revolução biológica. O homem pode ser modificado*, Hemus Livraria Editora, 1969-1971,
14. Cf. ELIZARI, F. J. e VIDAL, M., Bioética, in *Nuevo Diccionario de Teología Moral*, Paulinas, Madrid 1990, 175s. No Brasil temos, entre outras, as revistas *Bioética*, do Conselho Federal de Medicina, e *Cadernos de Bioética*, PUC, MG.
15. Um dos mais conhecidos é da autoria de LEOCIR PESSINI E CHRISTIAN DE PAUL DE BARCHIFONTAINE, *Problemas atuais de Bioética*, Loyola, 1991.
16. Este é o caso de MÁRCIO DOS ANJOS, Bioética a partir do terceiro mundo, in *Temas latino-americanos de ética*, vol. 3, da coleção, *Teologia moral na América Latina*, Santuário, Aparecida 1988, 211-232; Ética e clonagem humana na questão dos paradigmas, *REB* 1995, 105s; Ética e clonagem humana, *Espaços*, 1994, 83-94.

### 3.1. Recordando um documento oficial

No que se refere ao Magistério, além de pronunciamentos ocasionais, foi dada, em 1987, uma "Instrução" da Congregação da Doutrina da Fé, com uma abordagem mais sistemática e global. Depois de reconhecer os benefícios que a ciência e a tecnologia podem trazer para a vida humana, o referido documento vai colocar uma série de reservas ao sonho de se querer construir uma nova humanidade a partir do laboratório<sup>17</sup>. Naturalmente não tem sentido resumir aqui o referido documento, que pressupomos conhecido. Basta lembrar alguns pontos, em algumas frases-chave: "... aquilo que é tecnicamente possível não é necessariamente... admissível do ponto de vista moral"<sup>18</sup>; "o ser humano deve ser respeitado e tratado como pessoa desde o momento da sua concepção..."<sup>19</sup>. E partindo do pressuposto de que "uma procriação verdadeiramente responsável com relação ao nascimento deve ser fruto do matrimônio", o referido documento descarta todas as possibilidades de reprodução humana em laboratório, até mesmo para suprir uma eventual esterilidade<sup>20</sup>. Ou seja, se há uma

abertura e um apoio ao que aponta para as intervenções estritamente terapêuticas, há uma condenação total tanto no que se refere à inseminação, seja heteróloga, seja homóloga, quanto à fecundação artificial, à partenogênese e à clonagem. A única abertura neste particular verifica-se em relação à "facilitação e auxílio" ao casal no matrimônio<sup>21</sup>.

### 3.2. Recordando alguns balizamentos teológicos

Se analisarmos criticamente os muitos escritos teológicos a partir dos anos 70, percebemos dois momentos, que se constituem em duas tônicas, mas não forçosamente opostas. Num primeiro momento, partindo de uma compreensão mais dinâmica da natureza humana e sobretudo da teologia da criação, se ressaltam os aspectos animadores das pesquisas<sup>22</sup>. Tanto a natureza, quanto a criação no seu todo, passam a ser vistas mais como missão a cumprir do que dados históricos acabados. Parece ser assim que devem ser lidos os primeiros capítulos do Gênesis: tanto a ciência, quanto a técnica são preciosos recursos para que o ser humano possa exercer sua missão de

17. O documento mais específico é uma Instrução da Congregação da Doutrina da Fé, "**Sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação**", Doc. Pontifícios, 213, Vozes, Petrópolis 1987.

18. Introdução, n. 4.

19. ID., *ibid.*, I, 1.

20. ID., *ibid.*, todo o n. II; A, 3.

21. "A inseminação artificial homóloga, dentro do matrimônio, não pode ser admitida, com exceção do caso em que o meio técnico resulte não substitutivo do ato conjugal, mas se configure como uma facilitação e um auxílio para que aquele atinja a sua finalidade natural" ( n. 6).

22. Cf. como exemplo típico desta postura da época, BOFF, L., A manipulação do homem, Revista **VOZES**, Petrópolis 1971, 43-53. Se tomarmos este artigo, mais o livro de HÄRING, B., *Ética Medica*, Pauline, Roma 1972, 75s, teremos já assinalados, em grandes linhas, o que denominamos de balizamentos teológicos.

colaborador ativo na obra da criação. Mas, num segundo momento, a teologia vai colocar em evidência que toda a questão encontra-se em o ser humano conhecer e respeitar seus limites. "Sem a consciência, a ciência só pode conduzir à ruína do homem"<sup>23</sup>. Percebe-se logo que se trata de uma empresa terrivelmente ambígua, como aliás o são todas as empresas humanas, na medida em que não questionam pelo sentido mais profundo de tudo.

Uma vez assinalada esta tônica fundamental, desde os anos 70 eram avançadas várias outras ponderações de ordem ético-teológicas, para que a empresa humana de aprimoramento do patrimônio genético pudesse ser conduzida avante com verdadeiro êxito, ou seja em consonância com os imperativos éticos: a) espírito de admiração reverente; b) respeito à vocação integral da comunidade humana; c) promoção, em vez de dominação; d) cuidado com "modelos" ideais, normalmente marcados por ideologias e pelo eugenismo; e) cuidado com os valores, para que não se privilegiem os valores físicos, esquecendo-se os espirituais; f) responsabilidade para com o presente e para com o futuro.

### 3.3. Os cientistas fazem a auto-crítica

Podemos dizer que, em termos de biotecnologia, os últimos 50 anos provocaram uma euforia crescente, poucas vezes encontrada na história dos sonhos humanos. O sensacionalismo se tornou particularmente acentuado após o anúncio do Projeto Genoma. Entretanto, neste campo, como em outros, muitas vezes

é preciso deixar que as próprias pessoas envolvidas, no caso os cientistas, confrontando suas descobertas e seus raciocínios, caíam na real. Aliás, esta era justamente uma das pressuposições do Livro de Potter "Bioética: uma ponte para o futuro": não é mais questão de "modernizar" a tradicional Ética Médica, com seus princípios vindos desde Hipócrates. A complexidade dos problemas exige uma visão mais holística, e sobretudo um diálogo interdisciplinar mais consistente. Ou seja: é preciso cultivar uma visão mais ampla e mais crítica. E foi isto que aconteceu: os principais cientistas envolvidos nos projetos fizeram e continuam fazendo sua auto-crítica.

Em primeiro lugar, após haverem conseguido transcrever cerca de 90% de todo o DNA contido nos cromossomos (e foi só isto que conseguiram até agora, o que representa apenas 1% de todo o código genético...), percebeu-se que o número de genes é muito menor do que se pressupunha antes: apenas 30 mil, em vez de 100 mil. Além disso, estes 30 mil estão distribuídos como que entre "desertos" e "oasis". Num primeiro momento se chegou até a pensar que estes imensos "desertos", ou seqüências repetitivas, seriam como que uma espécie de "lixo genético", ou seja, genes sem funções específicas. Logo se viu que são exatamente estes "desertos" que possibilitam uma infinidade de combinação de variáveis.

Num desdobramento da primeira constatação, se percebeu que era uma ingenuidade pensar que cada gene tivesse uma determinada função. Assim, nesta pressuposição, haveria um gene respon-

23. Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Sobre o Respeito à vida, *op. cit.*, nn. 1 e 2; a citação encontra-se no final do número 2.

sável para cada doença: o gene do câncer, o gene do mal de Alzheimer, e assim por diante. Se assim fosse, tudo seria muito simples, pois bastaria substituir o gene defeituoso para se chegar à cura de males até hoje incuráveis. Entretanto, logo se percebeu que há uma infinidade de combinações atuando numa mesma direção, e até mesmo pode haver uma única proteína que se envolve em mais do que um processo, acumulando várias funções. Na realidade o gene é uma pequena parte de um imenso e complexo processo que envolve milhares de substâncias e reações químicas. Daí a conclusão de que as esperanças depositadas em miraculosas terapias genéticas, que curam através de uma simples alteração genética, não passam de uma ilusão.

Num passo seguinte, ao mesmo tempo que se derrubava a concepção que vinha desde Mendel, segundo a qual nosso organismo é dirigido por uma espécie de determinismo férreo, se derrubava a concepção geneticista, que reduz toda a complexidade da vida humana aos genes<sup>24</sup>. No dizer de um dos cientistas, "os genes são apenas um rascunho ou uma receita tosca de como se fabrica o ser vivo. Eles contêm a matéria-prima de como fazer os tijolos da vida, as proteínas, mas não nos dão todas as instruções de como montar este material, para que no processo final se chegue a um bebê saudável. Assim por exemplo, nos genes estão con-

tidas as instruções para que as células reprodutoras, uma vez fecundadas, se diferenciem e dêem origem ao coração ao pulmão, aos músculos e a todos os órgãos do corpo humano. Só que os genes não informam que a cabeça deve ficar em cima dos ombros ou que os braços devem sair um de cada lado do tronco". Este processo resulta de outras instruções, provindas de outras combinações.

Mas os dois megaprojetos acabaram levando a uma outra conclusão já há muito sustentada por outras ciências: o influxo do meio ambiente sobre todo o patrimônio genético. Assim, não existem apenas alterações provocadas pela intervenção direta feita em laboratório, mas existem alterações "cotidianas", naturalmente processadas a longo prazo, provocadas pela água, pela alimentação, pela poluição. Prova disto foi a alteração genética provocada nas pessoas que sofreram mais diretamente os efeitos da bomba atômica lançada sobre Nagasaki e Hiroshima. Com também os acidentes acontecidos em usinas atômicas, como o que ocorreu na Ucrânia, certamente têm um grande impacto genético. É impressionante constatar como hoje, 30 anos depois daquela obra de Overhage, acima citada, após todo o desenvolvimento dos projetos Genoma e Celera, um célebre biólogo, falando mais especificamente da inteligência e da beleza, afirma basicamente a mesma coisa: "Além de não termos a tecnologia para inserir

24. Cf. ASSMANN, H. e JUNG MO SUNG, *Competência e sensibilidade solidária. Educar para a esperança*, Vozes, Petrópolis 2001, 2ª ed., 229-230: "Na era da decodificação do genoma humano corremos o risco de novos reducionismos... O "humano", enquanto conquista civilizatória, não é simples resultado de heranças filogenéticas da evolução da nossa espécie. As diversas vertentes de teoria evolucionária do conhecimento e dos comportamentos nos mostram como são indissociáveis os fenômenos biorgânicos e os socioculturais...".

genes nas células de uma criança em desenvolvimento, não saberíamos sequer que genes usar, quando se trata de complexidades como inteligência e beleza. Há formas muito melhores de projetar uma criança do que usando de alta tecnologia, e elas funcionam: boas escolas, mais cuidados com a saúde durante a gravidez e com a nutrição aprimoram tanto a aparência como o cérebro das crianças. Com esses avanços pouco sensacionais mais se pode fazer pelas gerações vindouras do que com os sonhos do geneticista mais empolgado... Muitas doenças tem um componente genético, mas a maioria é também influenciada pelo meio.... Pode ser aí que a genética mais beneficia, ao alertar-nos dos nossos maiores riscos ambientais. Faz de todos nós indivíduos que podem decidir a que vícios se entregar, conhecendo melhor o perigo. É menos espetacular que terapia gênica, mas é factível e pode, no fim das contas, melhorar muito a saúde humana"...<sup>25</sup>

Mas então de que valeu dispendir tanto dinheiro, e porque 1.300 empresas investiram 13 bilhões de dólares na revolução tecnológica, se os resultados foram tão decepcionantes? E afinal, não foi um sucesso a clonagem que resultou no nascimento da ovelha Dolly? E a clonagem humana não passaria então de uma fantasia? De fato, ao cientistas conseguiram dar grandes passos no conhecimento genético. De fato, o projeto que resultou no nascimento da ovelha Dolly foi meio sucesso: se conseguiu uma cópia perfeita da mãe. Mas foi meio sucesso porque fo-

ram feitas centenas de tentativas anteriores, todas mal sucedidas; foi meio sucesso porque, ao completar 3 aninhos, a ovelha Dolly já tinha as características de envelhecimento próprias da mãe, que tinha 8 anos... Foi diante destes fatos que Harry Griffin, do Instituto Roslin, na Escócia, onde a Dolly foi clonada, afirma, sem maiores rodeios: "As chances de sucesso na clonagem humana são tão pequenas que é irresponsável encorajar as pessoas a acreditarem nesta possibilidade". Muito provavelmente um clone humano já traria, incipientes, desde o "nascimento", todas aquelas doenças degenerativas mais comuns de uma pessoa adulta: reumatismos, artrites, diabetes, etc."<sup>26</sup>

Diante disso, voltamos à pergunta: valeu à pena dispendir tanto esforço e tanto dinheiro? Não teria sido melhor empregar este dinheiro e estes esforços para desenvolver meios convencionais de aprimoramento humano, investindo em alimentação, saúde, educação, infraestrutura....? Mesmo que esta resposta fique um tanto no ar, pode-se conceder que tudo valeu à pena, para fazer os cientistas caírem, humildemente, na realidade: seus megaprojetos são apenas um início, embora significativo, de uma longa caminhada em busca de um melhor conhecimento dos mistérios que comandam a vida humana. Como disse Collins, o comandante do projeto Genoma, o genoma é "um livro-texto de medicina numa linguagem que ainda não podemos compreender"<sup>27</sup>.

25. JONES STEVE, O que a genética não pode fazer, revista *Veja*, 27/12// 00, 143; 145

26. Cf. Revista *"Veja"*, 7/02/01, sob o título: "sonho (quase) impossível".

27. ID., *ibid.*

## ALGUMAS CONCLUSÕES

1) Após havermos acenado para alguns sonhos, que certamente são lindos, é preciso cair na real e perguntar-nos se, apesar de avanços inegáveis, ao menos uma parte da humanidade, não estaria, uma vez mais, ouvindo o sussurro de uma voz doce, porém enganadora, com a tentadora promessa: "sereis como deuses". Concretamente isto se manifesta não apenas na empáfia com a qual são decantadas as mais recentes e sensacionais conquistas, mas sobretudo na pressuposição subjacente, de que agora, finalmente, serão resolvidos todos os problemas humanos. Muito em breve nosso mundo será uma espécie de "Terra sem males" e seus habitantes serão como deuses passeando alegremente pelos jardins do paraíso. Parodiando o anjo, que responde às interrogações de Maria com a sentença "a Deus nada é impossível", os senhores dos laboratórios e portanto, novos senhores do mundo, (que não são, naturalmente os cientistas, pois, como vimos, estes apresentam senso crítico), respondem com um rizinho triunfante: "a nós também não; tudo é questão de tempo e de dinheiro".

2) É bem provável que, ao menos nos dois primeiros itens da nossa apresentação, algumas pessoas tenham se questionado sobre a validade dos "velhos" métodos de aprimoramento humano: evangelização, educação religiosa, catequese, educação, cuidado com o meio ambiente, garantia a todos dos Direitos mais fundamentais. Não estariam estes métodos completamente superados? No admirável mundo novo tudo aconteceria de um modo mais simples e mais seguro, através de micro-cirurgias e outros expedientes super sofisticados, conduzidos, com

segurança, por experts de laboratório... Claro que tudo depende de como entendemos os métodos convencionais acima citados. Mas, desde que devidamente "trabalhados", eles não só permanecem válidos, como indispensáveis para que se possa sonhar com um mundo um pouco mais humanizado.

3) Finalmente, ao final deste rápido percurso por um mundo fascinante, mas terrivelmente complexo, convém voltarmos às questões que foram colocadas na introdução, sobre como nós, religiosos e religiosas, dos inícios deste novo século e deste novo milênio, deveremos posicionar-nos: chorar sobre o leite derramado, fixando-nos mentalmente no tempo dos nossos antepassados? ou então condenar este mundo perverso, onde tudo parece convergir para o mal? ou então entrar na onda do entusiasmo fácil? ou buscar uma sinergia entre engenhos tecnológicos e meios convencionais de aprimoramento humano? São exatamente estas últimas questões as que convém deixar sem resposta direta, ou seja, como provocação para uma troca de idéias entre irmãos e irmãs... Apenas, para ajudar na reflexão, prefiro concluir que, infelizmente, não há nenhuma tecnologia mágica para resolver nossos problemas cotidianos, nem em nossas fraternidades, nem em nossos bairros e cidades... O admirável mundo novo ainda não chegou... e nem sequer é capaz de suprir as necessidades humanas mais básicas de todos... e nem sequer é capaz de, num país de águas superabundantes, suprir a todos com energia elétrica. O mundo continuará às escuras enquanto quiser buscar sua própria luz.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Como nós, religiosos e religiosas, dos inícios deste novo século e deste novo milênio, deveremos posicionar-nos diante dessas candentes questões: chorar sobre o leite derramado, fixando-nos mentalmente no tempo dos nossos antepassados?
  - Condenar este mundo perverso, onde tudo parece convergir para o mal?
  - Entfar na onda do entusiasmo fácil?
  - Buscar uma sinergia entre engenhos tecnológicos e meios convencionais de aprimoramento humano?

 Fr. Antônio Moser.

Doutor em Teologia Moral. Professor de Teologia.

Autor de numerosos livros

Endereço:

Caixa Postal 90023

25689-900 - Petrópolis - RJ

*Uma vez assinalada esta tônica fundamental, desde os anos 70 eram avançadas várias outras ponderações de ordem ético-teológicas, para que a empresa humana de aprimoramento do patrimônio genético pudesse ser conduzida avante com verdadeiro êxito, ou seja em consonância com os imperativos éticos:*

- a) espírito de admiração reverente;
- b) respeito à vocação integral da comunidade humana;
- c) promoção, em vez de dominação;
- d) cuidado com "modelos" ideais, normalmente marcados por ideologias e pelo eugenismo;
- e) cuidado com os valores, para que não se privilegiem os valores físicos, esquecendo-se os espirituais;
- f) responsabilidade para com o presente e para com o futuro.

# Vida para todos no Novo Milênio:

## Releitura de uma intuição evangélica

IR. M<sup>ª</sup> HELENA MORRA, RSCM

### INTRODUÇÃO

Walter Benjamin em sua tese n<sup>o</sup> VI sobre a história, afirma que: "articular historicamente algo passado não significa reconhecê-lo como efetivamente foi. Significa captar uma lembrança como ela fulgura num instante de perigo".<sup>1</sup> Neste sentido: o presente ilumina o passado. Rer o passado hoje é algo que inspira os seguidores daqueles que abriram os caminhos e os situa dentro de uma realidade que clama pela defesa da vida, da dignidade.

O objetivo deste artigo é dar elementos que possam fazer vislumbrar com clareza e segurança um carisma que fecundou o passado, a Igreja de ontem e que pode fecundá-la, num mundo de globalização: - o carisma do Pe. Gailhac.

Ao pensar hoje na situação da mulher e da criança, remontamos à origem

do Instituto fundado no século XIX, no sul da França, em Béziers, pelo Pe. Pierre Jean Gailhac, que fez uma escolha pela vida e, de forma preferencial, pela mulher e a criança. *O Instituto do Sagrado Coração de Maria* foi fundado, portanto, para oferecer uma resposta a uma situação social real da sua época, em que mulheres e crianças eram os excluídos da história.

Como afirma Pierre Nora, é preciso pensar a história como um "lugar de memória"<sup>2</sup>, tomar o distanciamento, que nos é dado pela tradição. Questionar os interditos e, às vezes, fazer uma transgressão é importante, para que possamos resituar de uma forma menos condicionada a vida que está presente no bojo da história. Neste sentido, tentar compreender a história por um veio novo pode nos trazer

1. BENJAMIM, WALTER. *Teses sobre a história*. Ed.. Ática, 1991.p.156.
2. Termo cunhado por Pierre Nora para designar, antes de tudo, restos. Trata-se de uma forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora (...). Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que os tornam interessantes, mas também são complexos: simples e ambíguos, e funcional simultaneamente, em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência, puramente material, como um depósito. Cf. PIERRE NORA, *Entre Memória e História. A problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Khourj. História Usp, 1993. p.p. 7-20.

uma nova percepção da vida. Pode-se compreender as faces da opressão de quem oprime ou de quem sofre o seu efeito. É uma questão vital de opção para olhar os acontecimentos de uma outra perspectiva e ter a coragem de romper com o estabelecido e navegar em mares desconhecidos.

A mulher só descobriu o seu verdadeiro lugar quando teve a coragem de romper com o lugar estabelecido para ela pelo homem. Lugar muitas vezes de submissão e anonimato. A Vida Religiosa nos dias atuais necessita repensar o lugar que foi sendo construído por ela na história – um lugar muitas vezes de dominação e de poder, para conseguir com lucidez perceber o que Deus tem a nos dizer, através dos sinais dos tempos.

O carisma de um fundador(a) é fonte de vida para cada congregação, é a experiência de deslocamento que vai acontecendo no contexto de cada época. Um deslocamento que vai gerando vida, que vai tecendo a história no limite, na fragilidade do ser humano. O projeto de Deus vai acontecendo, vai tocando a realidade da vida aparentemente frágil sem possibilidade de reagir. Mas o amor faz reverência a qualquer vestígio de vida porque a vida traz em si a grandeza da realidade humana. É o divino tocando os limites do humano, rompendo a incapacidade,

a esterilidade das nossas incompetências, dos nossos sistemas opressores, dos nossos fechamentos, das nossas infidelidades. A vida vai se impondo, vai traçando o significado mais profundo da nossa identidade de filhos (as) de Deus.

Cada congregação traz dentro de si o dom do Espírito Santo, seu carisma próprio, suas experiências de lutas e martírios. Assim, a esperança vem da certeza de que Deus possibilita compreender a história, que muitas vezes exclui e que fere a dignidade humana. Mas n'Ele é possível acreditar que a vida nova vai brotar porque a força do seu amor gera a fecundidade em qualquer realidade de "não-vida". Dar a vida só é possível quando nos abrimos para uma possibilidade além do humano, do imediato das nossas certezas.

Fica-nos a "segurança" de que cada fundador(a) soube deixar-se conduzir por uma experiência presente na realidade humana, mas que não cabe na cadeia humana. Eles(as) foram capazes de fazer escolhas geradoras de vida. Beber no carisma que nos foi dado é beber numa fonte de esperança para o mundo de hoje. Dialogar com a história a partir de um dado novo de interpretação vem confirmar a afirmação de Michelle Perrot, que "o presente coloca questões para a história não porque ela pode ter resposta, mas porque ela pode fornecer instrumentos de compreensão".

## **I. SÉCULO XIX NA FRANÇA – AS MULHERES E AS CRIANÇAS, OS EXCLUÍDOS DA ÉPOCA**

O século XIX começa sob o impacto das transformações político-sociais ocorridas a partir da Revolução Francesa. É um século de convulsões, turbulências e levante contra o regime estabelecido. O que se quer é a liberdade democrática, política e

social. Sob o ponto de vista cultural, político e econômico, o século XIX é fortemente caracterizado pelo liberalismo e cientificismo. As descobertas tornam-se cada vez mais fruto da experiência. É o século que se baseia no raciocínio, na indução

da matemática, abrindo sem cessar caminhos para novas descobertas. Com isto, vai-se desvanecendo a noção do transcendental<sup>3</sup> que não passa de uma ilusão! A ciência se torna uma religião e só ela tem resposta para a problemática do ser humano.

A França vive também, nesse período, o processo da formação de uma classe operária. De uma realidade rural, surge lentamente o processo de industrialização. Inicia-se morosamente uma divisão entre a cidade e o campo. Com esse processo, se desenvolve uma mão-de-obra frágil, sem qualificação, que utiliza o trabalho infantil. A mecanização que permite empregar crianças. É a época de alistamento de crianças que vai reforçando cada vez mais a necessidade de utilizar a força de trabalho infantil como algo natural. Mal remunerados, os operários levam os filhos para a fábrica garantindo sua alimentação. Eles exigem que os patrões aceitem seus filhos desde uma idade muito nova. Havia uma concepção ideológica que reforçava essa mentalidade, associando a figura da criança com a máquina, justificando que é tão fácil lidar com a máquina que até uma criança pode manuseá-la. 40% da força de trabalho de então eram constituídos de mulheres e crianças.

A descoberta da máquina possibilita o controle do capital em relação aos operários. A industrialização traz a disciplina e tem a possibilidade de gerir melhor a produção. Mas os operários dos ofícios

tradicionais interditam as oficinas mecanizadas. A insatisfação ronda a industrialização. Muitos tecelões têm resistência em transferir o seu local de trabalho, que é perto da família, para trabalhar em local comum de trabalho. Não conseguem uma presença regular na fábrica. Preferem sofrer reduções de salários a romper com a sua liberdade.

Era todo um contexto de insatisfação que ia criando manifestações de repúdio a essa situação de exclusão. Em Montpellier, Clermont-L'Hérault, Caster, circulavam homens e cartazes trazendo apoio e notícias em vista de um estilo de vida mais autônomo. O patronato cria tecelagens mecânicas e com a mão-de-obra infantil e feminina inicia-se uma forma estruturada de disciplina.

A revolução econômica teve, obviamente, conseqüências nefastas para as mulheres trabalhadoras. Nas fábricas elas recebiam menos que os homens. Era a luta pela sobrevivência, numa situação de exclusão bastante acentuada. As condições sociais econômicas eram propícias ao florescimento da prostituição tomando as mulheres vítimas deste sistema econômico. A alternativa que surgia era vender o seu corpo no mercado com a finalidade de manter os filhos. Mulheres e crianças viviam à beira da morte por desnutrição. A pobreza e a fome delineavam, assim, um perfil deprimente da situação da mulher e da criança nas ruas do país.<sup>4</sup> A prostituição

3. O transcendental aqui é entendido como abertura do ser humano ao Mistério Absoluto de Deus.
4. A pobreza está no fundo do poço; as ruas de Paris apresentam o triste espetáculo de mulheres e crianças à beira da morte por desnutrição; os hospitais e os asilos logo serão insuficientes para abrigar o exercito de doentes e desgraçados. A pobreza e a fome silenciaram quase completamente suas vozes; mas quando, às vezes, suas vozes se elevam, é em imprecações resmungadas contra o governo. Cf. NICKIE ROBERTS. *As Prostitutas na História*. Ed Rosa dos Tempos. Tradução de Magda Lopes. 1992 p. 228.

e a desnutrição marcaram fortemente o século XIX. Nickie Roberts afirma que “O vício e a brutalidade do sistema chegavam a seu ápice no tratamento das prostitutas. O tratamento das doenças venéreas era bárbaro”.<sup>5</sup>

Nessa situação, pode-se compreender o surgimento e a manutenção dos Refúgios – o “Bom Pastor” – muito comuns naquela época para “moças arrependidas”, crianças e mulheres. Os conventos religiosos criaram oficinas de caridade introduzindo a máquina! A disciplina era quase monástica gerando conflitos e animosidade por parte dos trabalhadores contra os estabelecimentos religiosos, acusados de serem locais de tortura, de seqüestro etc. Ter que vender o corpo era a pior das sujeições e viver uma disciplina rigorosa era muito difícil também para quem provinha de uma realidade de marginalização.

A exploração sexual de crianças e adolescentes do sexo feminino era outro aspecto notável na sociedade. As mulheres trabalhadoras eram consideradas como prostitutas ou prostitutas em potencial. Geralmente as prostitutas vinham da classe pobre, eram lavadeiras, bordadeiras, fiandeiras, costureiras, criadas,

balconistas de lojas etc. Os principais lugares para o lazer do povo simples eram as cervejarias com salões de dança, os teatros e os cassinos. Estes locais também eram freqüentados por prostitutas. Eram considerados “Refúgios do prazer”. A história era a mesma em toda Europa Ocidental e nos Estados Unidos.

Qual foi o papel da Igreja dentro desse contexto histórico? A princípio, agiu com desconfiança e reserva. Era enorme a desorganização do clero, dividido pelo retrocesso das práticas religiosas e pela descrença das classes populares e, sobretudo, dos operários. Havia um descontentamento por parte de um setor da sociedade expressando que a Igreja era incapaz de dar uma resposta global às questões sociais. Para Nietzsche a “morte de Deus” era a condição essencial da libertação e da promoção do homem. Mas é preciso dizer que certos bispos – como o cardeal Giraud de Cambrai e Dom Fournier<sup>6</sup> bispo de Montpellier – se esforçam solenemente para condenar a exploração do sistema em relação com o povo.

A serviço dos pobres várias congregações fundaram obras de caridade que colaboravam com a “recuperação da dignidade humana”.

5. Depois de serem esfregadas com mercúrio ou inalar seus vapores, as pacientes eram purgadas, transudadas e drenadas por sanguessugas. Como se achava que o líquido maligno era expelido principalmente pela boca, as pacientes eram estimuladas a salivar pelo menos seis litros de líquido por dia. Quando a boca ficava envenenada por este processo, “era transformada em uma úlcera gangrenosa, da qual, junto com a saliva, freqüentemente caíam dentes, e até as mandíbulas, a língua, os lábios e a faringe devoradas pelo processo necrótico”. Cf. Nickie Roberts. *As Prostitutas na História*. p. 249.
6. Marie-Nicolas Fournier ( Gex, 27/12/1760 – Montpellier, 27/12/1834). Fournier foi um pastor cuja atuação teve grande repercussão nos meios políticos. Um homem de energia e coragem para protestar contra as injustiças que massacravam seu povo. Em seus sermões destemidos, ele atingia diretamente o mal, deixando clara a procedência desse mal e as pessoas inescrupulosas que oprimiam e destruíam a vida do povo. Attingia os prepotentes, os chefes de Estado e policiais trapaceiros, enfrentando-os quando reclamavam de suas audácias.

Os pais às vezes se sentiam impotentes em relação à educação dos filhos e havia crianças que viviam na vadiagem o que as levava à prática de pequenos furtos. Foi se criando uma expectativa de que as fábricas eram um espaço para suprir essa deficiência familiar porque a disciplina era um dos aspectos da industrialização.

*Em síntese, qual era a situação da mulher e da criança?* De tudo que foi dito, infere-se que a situação da mulher no séc XIX era de exclusão em vários aspectos da vida. Havia uma clara divisão sexual. Na própria casa o espaço masculino delimitava fortemente o pequeno espaço familiar. O escritório era um referencial determinante nas casas. As mulheres burguesas eram protetoras dos pobres e através da caridade elas iam descobrindo novos espaços e alargando a sua percepção rasgando novos horizontes. Mas na Igreja elas constituíam auditoras mudas para as pregações dos padres.

A participação feminina no trabalho assalariado era conseqüência da necessidade de uma complementação no orçamento familiar. Os salários delas eram menores e a sua força de trabalho era em tarefas não qualificadas. Não podiam ocupar cargos políticos. A mulher foi feita para a piedade. Ela simbolizava a fé e a caridade versus a razão e o capitalismo, símbolo dos homens. Ela era confinada dentro de certos limites – a família, a casa e a Igreja, numa esfera bastante privada.

No Código Napoleônico, a mulher não passava de uma menor. Ela não era considerada indivíduo, mas era representada pela figura do Pai que reina na família e no Estado. O casamento era a porta de submissão estabelecida pelo Código de 1804. A mulher era considerada passiva e tinha o direito à proteção da sua pessoa e dos seus bens.

A Revolução Francesa e a industrialização aumentaram em toda a parte a divisão dos sexos, possibilitando a educação dos meninos e deixando de lado as meninas. Só em 1881 a Lei Ferry possibilitou o mesmo programa educacional para as meninas e os meninos, apesar de estudarem em colégios separados. A alfabetização da mulher progrediu rapidamente nas cidades. Não podemos esquecer que a Revolução Francesa também reconheceu a igualdade de todos os herdeiros, sem distinção de sexo, dando às filhas os direitos civis iguais aos dos homens. No entanto as mulheres moviam-se mais do que se pensa. Participavam das migrações camponesas vindas à cidade como domésticas e costureiras. Estiveram presentes em alguns motins quando se tratava do pão para alimentar seus filhos.

O século XIX foi um século onde havia uma variedade de figuras femininas, muitas vezes simbolizando a unidade e a força do país. "... São mulheres emblemas que resplandecem no frontão dos monumentos e nas fachadas dos imóveis e, hoje, nos cartazes publicitários"<sup>7</sup>

## II. ESCOLHAS DE ANTOINE PIERRE JEAN GAILHAC PELA VIDA, A FAVOR DOS EXCLUÍDOS.

Isto posto, como compreender a inserção de Gailhac nessa situação? Que tipo de escolha foi possível a Gailhac em seu tempo?

7. Cf. PERROT MICHELLE, *Mulheres Públicas*. Ed UNESP. 1997.p.20.

A vocação pessoal de Antoine Pierre Jean Gailhac vai sendo consolidada a partir dos excluídos do século XIX na França, particularmente em Béziers: o menor carente e a mulher marginalizada, vítima da prostituição. Em 12 de setembro de 1828, aos 26 anos, assume o papel de capelão do Hospital de Béziers, onde acolhia as mulheres vítimas de doenças que advinham da prostituição e das epidemias muito comuns naquela época. Essa missão colocava-o no coração de uma realidade marcada pela pobreza e pelo descrédito humano.

Pe. Gailhac sonha em dar resposta a esse desafio da prostituição e para isso funda, a 29 de novembro de 1834, o Refúgio do Bom Pastor, acreditando que era um espaço que possibilitaria a integração dessas mulheres na sociedade. Há um forte questionamento em torno desses Refúgios Bom Pastor. Cada época carrega os seus condicionamentos sociais e religiosos. A penúria do povo e a falta de opção pelos excluídos levaram vários pastores a se comprometer com a atitude de zelo e de misericórdia. É interessante descobrir nos escritos<sup>8</sup> do *Instituto do Sagrado Coração de Maria* vestígios que nos dão um veio para podermos remontar à história de uma fundação naquilo que ela traz de condicionamento da sua época. Em geral, fazemos uma leitura desse acontecimento num enfoque bastante específico ligado a uma leitura moral. *Michelle Perrot* analisa esses acontecimentos numa outra perspectiva, expressando que quando as prostitutas ficavam doentes, eram confinadas em hospitais-prisões, que mantinham sobre elas um controle rígido. Assim, quando “cura-

das” da doença venérea, eram muitas vezes confinadas em casas de caridade. Os Refúgios também eram mal vistos porque introduziam pequenas máquinas nos seus recintos acentuando a resistência dos pequeninos à industrialização.

Cabe, então, perguntar: as perseguições que esses Refúgios sofreram estavam ligadas a qual dessas situações? Eram os Refúgios um espaço significativo da liderança feminina? Podemos trazer um outro olhar que nos possibilite uma leitura para além da Vida Religiosa? Ou devemos tomar consciência de que a nossa maneira de viver a consagração traz dentro de si um descompasso com a realidade da vida? Podemos levantar outras questões: em que sentido a estrutura monástica presente nesses estabelecimentos impõe uma organização muito religiosa para as prostitutas? A exigência que se tinha de pureza e o horror pelo pecado era uma concepção forte da época? Na história do séc XIX temos dados que confirmam a reação das prostitutas pulando os muros das casas de caridade. O que está por detrás dessa reação? Até hoje convivemos com um ritmo descompassado da vida real. Será que é genético? Faz parte também das nossas Origens? Ou é a confirmação de que na nossa fragilidade Deus vai gestando o seu Projeto? Que o Reino de Deus irrompe na história mesclada de limites e condicionamentos? Será que temos a coragem de dialogar com a história naquilo que ela traz de verdade? Por que queremos fantasiar? Criar mitos, muitas vezes intocáveis, como tantos que vemos na história! Será que não é fecundo perceber que o nosso Deus faz “milagres”

8. Documentos compilados por KEENAN, MARJORIE, em *A perseguição de 1855*. Doc. 2 **FONTES DE VIDA** ( Roma: RSCM, 1883 ).

num chão de esterilidade?<sup>9</sup> Será que acreditamos que Deus vai “reverter” essa situação atual da Vida Religiosa? Talvez só nos falte acreditar e colaborar com a mudança. Ter a coragem de tocar na vida naquilo que ela traz de real. Somos capazes de explicitar o que realmente somos? Ou vamos sempre camuflar a verdade?

É um dado real: os nossos Fundadores fizeram uma “diferença” visível na sua época: foram capazes de formar uma comunidade atuante na sociedade em que estavam inseridos; foram capazes de criar o novo. No entanto, é preciso olhar este novo a partir de um lugar de memória que possa iluminar nossas escolhas.

Outra fundação de Gailhac foi o **Orfanato** para meninas abandonadas com a intenção de formá-las como boas cristãs, no amor a Deus, na prática das virtudes, na obediência. Em 1857, são setenta as crianças assistidas; dentre elas, sete são negras, resgatadas nos mercados de escravos do Egito. As crianças aprendem todos os gêneros de costura e, sobretudo bordados. Estes bordados eram muito apreciados pela população de Béziers por sua perfeição.<sup>10</sup> Provavelmente a máquina de costura que nasceu nesse século, e bastante utilizada pelo sexo feminino, deve ter sido introduzida no Orfanato.

Um fato bastante significativo e inovador está ligado à situação da educação para o sexo feminino na época de Gailhac. Só os homens tinham acesso à educação, quando as mulheres se casavam, a maioria delas não sabia assinar o seu nome. No entanto, as crianças do Orfanato já eram alfabetizadas. Embora a educação dos Orfanatos tivesse, contudo, uma marca forte de formação para a submissão. É interessante observar em tudo isso o novo que vai acontecendo mesclado de condicionamentos históricos.

Com o passar dos tempos, depois de tantas turbulências e tendo o **Refúgio do Bom Pastor** a missão de “recuperar” as prostitutas, face à reação delas de rebeldia, Pe. Gailhac toma a decisão de transformá-lo em **Casa de Preservação** para crianças que sofriam de maus tratos dos pais e que necessitavam de educação.

Outra fundação importante foi o **Internato** para jovens de classe rica. A vida do Internato era orientada por um regulamento bastante próximo ao da vida religiosa. Apesar de ter a preocupação de que as alunas devessem se esforçar para adquirir uma educação esmerada, havia também o cuidado de formar para a obediência, docilidade e submissão. É uma concepção que reflete o lugar e o papel da mulher do séc XIX<sup>11</sup>. A finalidade deste Internato

9. Cf. Sara esposa de Abraão/ Ana mãe de Samuel /Isabel prima de Maria.

10. Cf. Le Journal de Béziers du 31 juillet 1857.

11. “Educação sólida, distinta, eminentemente cristã, instrução ampla, que abranja tudo o que se possa tornar uma jovem útil e agradável na sociedade, onde ela virá ser o ornamento, a edificação, o sustentáculo, a base, conforme o apostolado que mais tarde virá a exercer no local onde Deus a colocar e onde sempre se deve mostrar como digna rival da mulher do Evangelho. Devem logo desde pequeninas evitar cuidadosamente qualquer hábito de preguiça, de desleixo, de não te rales, que neutralize os esforços das religiosas e que seria o principio de maus resultados. Devem desde sua entrada no Internato habituar-se a uma vida de Regulamento. Observarão com grande fidelidade todas as normas e cada uma procurará ser a mais zelosa na observância, cumprindo escrupulosamente tudo o que está prescrito e evitando tudo o que é proibido... Règlement des pensionnaires du Sacré Coeur de Marie. Arq.hist/ Cong.Vol. IV-B2, 10

era adquirir recursos financeiros para as obras carentes e colaborar em responder a uma demanda educacional para as jovens da elite. Havia por parte da cidade de Béziers o reconhecimento da educação ministrada neste Internato.

Em 1849 quando Pe. Gailhac fundou o Instituto do Sagrado Coração de Maria tinha a preocupação de garantir a continuidade do trabalho com os excluídos de sua época. No dia da Tomada de Hábito das Religiosas, um sermão pregado por um amigo dele, permite captar com segurança o comprometimento das Obras de Gailhac com as categorias de exclusão,

principalmente as órfãs.<sup>12</sup> Em 1853 Pe. Gailhac funda um *Orfanato para Meninos* que passa a ser conhecido como *Colônia Agrícola Nossa Senhora dos Campos*. São crianças carentes e órfãs de Pai ou Mãe. Ficam na Colônia até completarem 21 anos. Eles recebiam uma formação educacional e trabalhavam também no campo.

A gênese das instituições criadas pelo P<sup>e</sup>. Gailhac coloca para nós hoje uma série de desafios: – De que forma o trabalho com o jovem e a jovem tem nos desafiado neste tempo de globalização? Qual a resposta que podemos dar como religiosas(os)?

### III. EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO E OS SEUS DESAFIOS PARA A VIDA RELIGIOSA

O cristianismo está vivendo um desafio que é próprio da sua origem. Quando ele saiu do mundo judaico e se inculturou no mundo helênico, deparou-se com categorias diferentes das do mundo semítico e teve que se inculturar para que a sua mensagem fosse compreendida. Toda reformulação de referenciais tem os seus ganhos e perdas. O mundo saiu de um único universo simbólico que tinha como

referencial estruturante o cristianismo. A cultura na era de crmandade, de uma certa maneira, a economia, a política e os vários aspectos da vida se estruturavam em torno do cristianismo. A matriz da identidade do ser humano era cristã. Hoje vivemos em um mundo fragmentado, onde temos que coexistir em diálogo com vários grupos que têm a intenção de dizer uma palavra para a humanidade.

12. Trechos do Sermão solene pregado por um amigo do Pe. Gailhac durante a cerimônia de recepção de Mère Saint Jean e suas primeiras companheiras, no dia 13/04/1850: o trabalho do Bom Pastor.

#### PROCURAR OS QUE ESTÃO PERDIDOS

Enquanto houver ovelhas perdidas haverá necessidade de cumprir esta missão diariamente. Minhas filhas, como vocês são felizes por partilharem a missão do Bom Pastor, procurar as pessoas que estão perdidas.

#### VOCÊS SERÃO CRITICADAS

Sua dedicação, seus sacrifícios serão criticados, os fariseus de hoje se queixarão, alguns ficarão chocados, outros perguntarão o que vocês estão fazendo e não ficarão contentes com os seus esforços no agir.

#### ENTRE AS CRIANÇAS, OS ORFÃOS...

Mas a quem vocês educarão? Vocês têm obrigação especial para com as que devem ser as mais amadas de todas as crianças... aquelas que já chamei de: órfãs.

No passado as pequenas identidades eram abafadas por um modelo de dominação racial e cultural. A raça branca se impunha sobre a raça negra e indígena, o homem oprimia a mulher e assim a vida ia se estruturando e fazendo as suas destruições e acertos a partir desses condicionamentos. Era uma mentalidade de supremacia colonial nos vários setores da vida, principalmente na área religiosa.

Coexistir com demarcações, lugares diferentes é a grande questão que o mundo pós-moderno coloca para a proposta cristã. Não podemos ver a vida somente pelo prisma religioso cristão. Temos que romper com essa postura de supremacia e nos colocar ao lado de tantos outros grupos que querem explicitar uma palavra para a humanidade, portanto, dialogar é o grande desafio que o mundo nos coloca. Temos que tomar consciência que o mundo clama por pessoas que tenham a capacidade de criar algo novo. É difícil uma estrutura, condicionada dentro de um paradigma, vislumbrar o novo.

Essa mesma situação se reflete na Vida Religiosa. A visibilidade do cristianismo tem que passar concretamente na vida de pessoas que se dizem cristãs e principalmente na vida dos consagrados, que têm por objetivo primeiro da sua vida o seguimento de Jesus Cristo. A pertinência do cristianismo está vinculada à radicalidade dos seus seguidores. Como trazer para o mundo de hoje o ideal de Jesus Cristo? Como utilizar a mesma sabedoria dos primeiros cristãos neste processo de inculturação? O que temos que deixar? O que temos de reformular? O que temos que fazer de novo? O que temos de confrontar com o mundo de hoje? É preciso ter uma intuição aberta a novos rumos, sem perder o ideal de Jesus Cristo e das origens de nossas Instituições como Vida Religiosa.

Sem a pretensão de fazer uma análise de conjuntura, quero simplesmente levantar pontos significativos do processo de globalização e apontar para as possibilidades reais de atuação dos Institutos de Vida Consagrada, como o Instituto do Sagrado Coração de Maria, no chão que está sendo construído pela globalização. Quais são os desafios que a sociedade coloca para nós?

Vivemos numa sociedade de permanentes mudanças onde o "novo" acontece quase que diariamente. O mundo econômico, a ciência e a informática têm projetos ousados que vão acontecendo em um processo de projeção numa perspectiva de grande alcance. Por exemplo, o Projeto Genoma está trazendo uma nova concepção de pessoa humana até então intocável. A ciência é capaz de criar a vida e sabemos que ela vai romper caminhos até agora obscuros. A compreensão de pessoa humana sendo alterada, logicamente a imagem que construímos de Deus será também afetada. A ciência nos obriga a repensar os conceitos que temos de Deus e da própria realidade humana. A meu ver, é aí que a problemática começa a desenvolver-se. Como responder a questões novas dentro de uma realidade – Vida Religiosa – que não tem uma posição definida sobre essas novas exigências de mundo? Podemos simplesmente pressupor ou mesmo estabelecer que tipo de pessoas interpelamos para se consagrar na Vida Religiosa?

Pe. Dalton Barros, certa vez, expressou que a casa de formação tem a "cara" da Província. Então é só olhar para o "novo" que está chegando e por aí podemos fazer uma simples análise e construir o nosso perfil. Por que entram pessoas muitas vezes quebradas, às vezes em "cacos", encurvadas para abraçar o Projeto de Jesus Cristo? E como sofremos na Formação Inicial para "colarmos" os cacos! Lógico que

temos consciência de que somos quebra-das(os) também. Mas temos de diferenciar as realidades pessoais. Jogamos a culpa na desorientação da sociedade, na nova concepção que se tem de família hoje e nas desculpas vamos arrastando a nossa agonia. Vamos reafirmando a nossa incapacidade de criarmos o novo. Ainda mais: quando o novo chega, não temos capacidade de perceber, de vislumbrar, de apoiar e investir nele. Torna-se ameaça para a estrutura porque o jovem, a jovem não têm o perfil que se encaixe na "família" religiosa. Queremos o novo, temos ânsia pelo novo e às vezes abortamos o novo. Certamente, gestar o novo em um "útero velho" é complicado, ainda que a ciência esteja evoluindo e apontando para a possibilidade de vida nova também em pessoas de idade avançada.

Esas reflexões não são especificamente para a Vida Religiosa feminina, mas para a masculina também. Somos às vezes tão limitados(as) que não damos um passo, sem o apoio da bengala psicológica. A psicologia é uma ciência que presta um serviço contundente à sociedade e também à Vida Religiosa. Não se coloca em questão o valor dessa ciência mas, às vezes, inquieta o fato de perceber que transferimos a nossa responsabilidade para os braços dos psicólogos(as). Cada vez mais reafirmamos a nossa incapacidade de lidarmos com a nova geração. Podemos fazer um simples levantamento e verificar quais são os religiosos(as) que efetivamente têm um contacto direto com a juventude. Muitas vezes não damos conta de lidar com o "novo", e os critérios na seleção de candidatos(as) à Vida Religiosa não são pertinentes. Isto pode acarretar dores de parto sem dar à luz filhos e filhas".

Podemos fazer uma bela análise de conjuntura, podemos compreender os efeitos da globalização, mas não basta. Preci-

samos chegar perto das nossas mazelas com a mesma exigência que temos ao fazer uma análise do sistema e tomar nas mãos o rumo da nossa história.

Será que acreditamos ainda estar na era agrícola? Ou será que não damos conta do mundo urbano? Será que temos fôlego e um perfil condizente para atuarmos neste mundo? Lembro-me da pergunta que Nicodemos fez a Jesus. "Como posso nascer de novo?".

O Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria está vivendo um tempo de Capítulo Geral onde o tema que nos norteia é: **Continuando a Visão de Gailhac. Vida para todos no Novo Milênio.** A visão do Fundador Gailhac é expressa na passagem de João 10,10: *Eu vim para que todos tenham Vida.* O eixo central do seu carisma é a Vida e a vida em plenitude. Num contexto do século XIX, onde a pureza era um valor determinante e a visão de mundo era fortemente marcada pelo Jansenismo, Pe. Gailhac foi capaz de congregar pessoas e fazer seguidoras (es) de Cristo num Instituto que foi fundado para se comprometer com a vida. Ele foi capaz de chegar ao coração das pessoas que estavam ao seu redor. Ele foi capaz de manter viva a missão numa realidade mais pobre, com um grupo menor do que o nosso hoje, em condições financeiras mais precárias do que a nossa. Ele foi um homem sem fronteiras e fez o novo acontecer.

Enquanto refletimos sobre a nossa caminhada longe das inquietações reais, dificilmente estaremos colaborando para que o novo aconteça entre nós. É preciso deixar o Espírito Santo, que faz novas todas as coisas, depositar em nós a sua luz para que possamos vislumbrar o real e ter coragem de mudar o que for necessário.

Que a nossa sabedoria religiosa seja tão eficiente na prática quanto a produção de Documentos Capitulares e nos si-

tue dentro do eixo da problemática atual do mundo. Na Vida Religiosa, a fecundidade do Carisma fundante depende de cada irmã, de cada irmão do Instituto, da

nossa capacidade de gestar o novo, de ou-  
sar o novo, de deixá-lo acontecer, de si-  
tuar-nos numa nova realidade de mundo,  
de Igreja e de pessoa humana.

#### IV. A MODO DE CONCLUSÃO

Se a globalização parece ser inevitável, é possível pensá-la numa perspectiva de intercâmbio cultural buscando ter cuidado para não violar a identidade dos povos? Uma vez que a cultura se organiza a partir das necessidades simbólica e histórica, a vida para todos habita as relações humanas e a possibilidade de se construir um mundo mais fraterno nasce e renasce a cada momento onde o outro se apresenta como mistério. Na medida em que a globalização e a internalização do capital apresentam valores diversificados das unidades culturais, a vida religiosa precisa se comprometer dentro desse processo, mediante um senso mais crítico e se colocar a serviço onde a vida esteja pere-

cendo. Nessa direção, a vida religiosa assume o compromisso de guardiã de um carisma, que é o de estar em defesa da vida, atualizando e colocando em prática o que o fundador(a) plantou.

Sabemos que a vida para todos é um enunciado utópico para aqueles que crêem, mas o que é a utopia, a não ser o que Eduardo Galleano tão bem expressou no seu poema *JANELA SOBRE A UTOPIA*: -"Ela está no horizonte - diz Fernando Birri - me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar."<sup>13</sup>

#### QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Como a história do seu Instituto vem sendo construída? O novo está sendo capaz de romper os condicionamentos do passado e do presente?
2. De que maneira vocês apoiam ou contestam as afirmações feitas em relação à formação da VR hoje?
3. A sua Congregação está realmente comprometida com iniciativas que promovam a vida para todos?

☞ Maria Helena Morra, RSCM é teóloga. Diretora do *Instituto Santo Tomás de Aquino. (ISTA)* - Professora de Cultura Religiosa e Cristologia na PUC/MG.

Endereço:

Rua Oeste, 392/201 • 30.410-590 Belo Horizonte.MG.

tel: (31) 3372-2467 Fax (31) 3328053 • E-mail.mhm@microplanet.com.br

13. GALLEANO, EDUARDO. *As Palavras Andantes*. Porto Alegre: LP&M, 1994.